

POVOS INDÍGENAS "ISOLADOS"  
NA REGIÃO TRANSFRONTEIRIÇA  
BRASIL-PERU



# *boletim* *informativo*

JULHO  
2014

4

**NOVA CARTOGRAFIA  
SOCIAL DA AMAZÔNIA**

POVOS  
INDÍGENAS  
ISOLADOS

PROJETO

**Mapeamento  
Social**

como Instrumento  
de Gestão Territorial  
contra o Desmatamento  
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS  
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



# Povos indígenas “isolados” na região transfronteiriça Brasil-Peru

No Estado do Acre, ao longo da fronteira Brasil-Peru e de suas cercanias, 10 terras indígenas e duas unidades de conservação, com extensão agregada de pouco mais de 2,1 milhões de hectares, distribuída em sete municípios, constituem territórios de moradia permanente e/ou de usufruto de povos indígenas não contatados, denominados “isolados”, ou “brabos”.

Essas 10 áreas protegidas contíguas formam o chamado “corredor dos isolados” no lado acreano da fronteira, conforme dados sistematizado no quadro ao lado

Desse conjunto de áreas protegidas ocupadas por povos “isolados”, apenas duas terras indígenas não fazem limites com a fronteira internacional. As 12 terras indígenas e duas unidades de conservação de proteção integral podem ser mais bem visualizadas no mapa abaixo.

*boletim informativo*

NÚMERO 4. JUNHO 2014

**COORDENAÇÃO GERAL DO PNCSA**

Alfredo Wagner Berno de Almeida  
PNCSA-CESTU-UEA/PPGAS-UFAM/CNPQ

**EQUIPE DE PESQUISA**

José Nilson Saboia Kaxinawá  
Francisco Sabino Kaxinawá  
Jocemir Saboia Kaxinawá  
José Carlos dos Reis Meirelles Jr.  
Guilherme Dalto Siviero  
Marcos Capelli Rocha  
Txai Terri Valle de Aquino

**EDIÇÃO E REDAÇÃO**

Txai Terri Valle de Aquino  
José Carlos dos Reis Meirelles Jr.

**CARTOGRAFIA**

José Frankneile de Melo Silva  
Billychelby Fequis dos Santos

Setor de Geoprocessamento da Comissão Pró-Índio do Acre

**FOTOGRAFIAS**

Gleilson Miranda  
José Carlos dos Reis Meirelles Jr.  
Guilherme Dalto Siviero  
Rafael Otávio Fares Ferreira

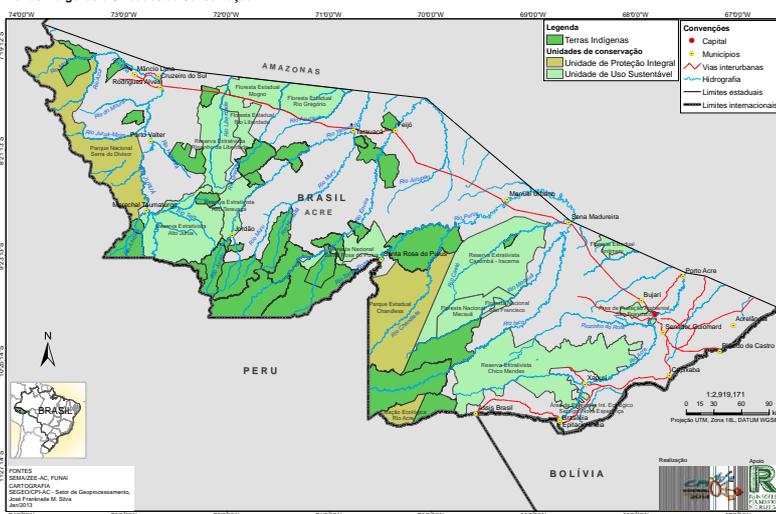
**PARCERIAS**

Comissão Pró-Índio do Acre/CPI-AC  
Frente de Proteção Etnoambiental Envira/FUNAI  
Assessoria Especial de Assuntos Indígenas/  
Estado do Acre

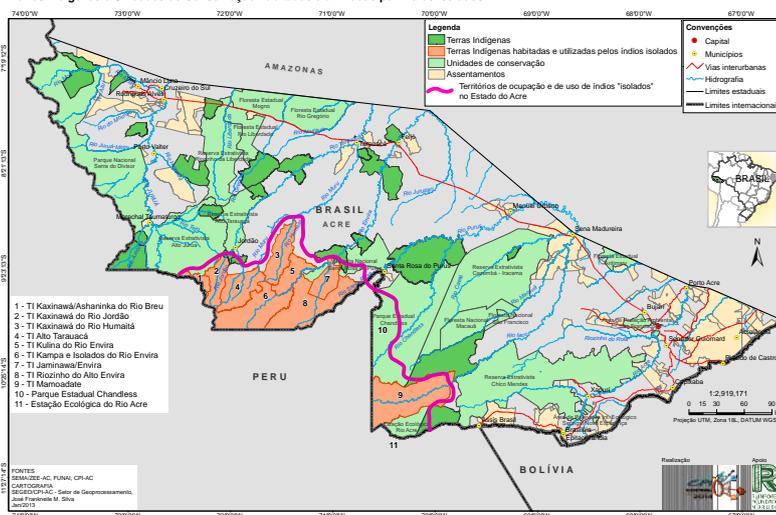
**PROJETO GRÁFICO**

Ernandes FernandesCASA 8

**ESTADO DO ACRE**  
Terras Indígenas e Unidades de Conservação



**ESTADO DO ACRE**  
Terras Indígenas e Unidades de Conservação habitadas e utilizadas por índios isolados



- 1 - TI Kaxinawá/Ashaninka do Rio Bruu
- 2 - TI Kaxinawá do Rio Jordão
- 3 - TI Kaxinawá do Rio Humatã
- 4 - TI Alto Tarauacá
- 5 - TI Kulina do Rio Envira
- 6 - TI Kampa e Isolados do Rio Envira
- 7 - TI Jaminawa/Envira
- 8 - TI Riuzinho do Alto Envira
- 9 - TI Mamoadã
- 10 - Parque Estadual Chandless
- 11 - Estação Ecológica do Rio Acre

Terras Indígenas e unidades de conservação compartilhadas com povos “isolados” no lado acreano da fronteira Brasil-Peru

MUNICÍPIO	TERRAS INDÍGENAS E UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	POVOS	POPULAÇÃO	EXTENSÃO (HA)	SITUAÇÃO JURÍDICA
Assis Brasil e Sena Madureira	TI Mamoadate	Manchineri Jaminawa	937 168	313.647	Regularizada
Assis Brasil	Estação Ecológica Rio Acre			77.500	Dec. 86.061/81
Sena Madureira e Santa Rosa	Parque Estadual Chandless			695.303	Dec. Estadual 29/2004
Santa Rosa e Feijó	TI Riozinho do Alto Envira	Isolados		260.970	Declarada
		Ashaninka	15		
Feijó	TI Jaminauá/Envira	Kulina	40	80.618	Regularizada
		Ashaninka	52		
	TI Kampa e Isolados do Rio Envira	Ashaninka	238	232.795	Regularizada
		Isolados			
	TI Kaxinawá do Rio Humaitá	Kaxinawá	255	127.383	Regularizada
		Isolados			
TI Kulina do Rio Envira	Madijá	235	84.364	Regularizada	
Feijó e Jordão	TI Alto Tarauacá	Isolados		142.619	Homologada
Jordão	TI Kaxinawá do Rio Jordão	Kaxinawá	920	87.293	Regularizada
	TI Igarapé Taboca do Alto Tarauacá			287	Restrição de Uso
Jordão Marechal Thaumaturgo	TI Kaxinawá/Ashaninka do Rio Breu	Kaxinawá Ashaninka	36 560	31.277	Regularizada
Totais 6	12	5 + isolados	2.180	2.134.056	

Esse conjunto de áreas protegidas contíguas integrada, por sua vez, o mosaico contínuo de terras reservadas pelos governos federal e estadual, com distintas finalidades, que se estende ao longo da fronteira Brasil-Peru e de suas proximidades, e tem área total de quase 7,7 milhões de hectares. O Mosaico de áreas protegidas no Estado do Acre pode ser mais bem visualizado no mapa na página anterior.

Esse “mosaico acreano” é constituído por 27 terras indígenas (em cores alaranjadas), 13 unidades de conservação de uso sustentável (em cores verdes claras) e três unidades de conservação de proteção integral (em cores verdes escuras).

“Mosaico acreano” constituído ao longo fronteira internacional Brasil-Peru

CATEGORIAS			QUANTIDADE	EXTENSÃO (HA)	%
Terras indígenas			27	2.667.832	33,51
Unidades de conservação	Uso sustentável proteção integral	Reserva extrativista	5	2.678.994	33,65
		Floresta nacional	3	425.332	5,34
		Floresta estadual	3	486.319	6,11
		Parque nacional	1	843.012	10,59
		Parque estadual	1	695.303	8,73
		Estação ecológica	1	77.500	0,98
Projetos de assentamento extrativista			2	86.748	1,09
TOTAIS = 8			43	7.961.040	100

Das 43 terras reservadas desse mosaico, 39 delas integram o patrimônio da União Federal e abrangem 85% de sua superfície agregada. Enquanto as quatro terras de jurisdição estadual ocupam os restantes 15% de sua extensão.

## Povos “isolados” no Acre

Ao longo dos últimos 25 anos, a Frente de Proteção Etnoambiental Envira, da FUNAI, localizou quatro povos “isolados” distintos no lado acreano da fronteira.

Três desses quatro povos “isolados” possuem malocas e roçados, vivendo basicamente da agricultura, caça, pesca e coleta de produtos alimentares e não alimentares da floresta.

Pela quantidade e diversidade de legumes cultivados em seus roçados de terra firme são também conhecidos como “grupos isolados agricultores”.

O primeiro deles, conhecido como “isolados do Humaitá”, ocupa as nascentes deste rio, um dos principais afluentes da margem direita do alto Muru, compartilhando a Terra Indígena (TI) Kaxinawá do Rio Humaitá.

Já o segundo, chamados de “isolados do Riozinho”, habita as cabeceiras do igarapé de mesmo nome, tributário da margem direita do alto rio Envira, ocupando a TI Riozinho do Alto Envira.

O terceiro, por sua vez, denominados “isolados do Xinane”, migrou recentemente nas cabeceiras do Igarapé Homônimo, afluente da margem esquerda do alto rio Envira, instalando-se, a partir de 2006, na TI Kampa e Isolados do Rio Envira.

Provavelmente, esses três “grupos isolados agricultores” falam idiomas da família linguística Pano, muito próxima das línguas faladas pelos povos Jaminawa e Yawanawá.

## Os “isolados do Humaitá”

Dentre os povos indígenas que vivem atualmente numa situação de isolamento voluntário, os “isolados do Humaitá” são certamente os mais antigos e numerosos.

Sua presença nas cabeceiras do Humaitá é notada a partir do início do século passado, por ocasião do estabelecimento dos primeiros seringais na região do Alto Muru e afluentes. Atualmente, a sua população, constituída em sua maior parte por jovens e crianças de ambos os sexos, é estimada pela coordenação da Frente Envira em pouco mais de 300 índios.

Suas malocas e roçados, avistados a primeira vez nos sobrevoos promovidos, em 1989, pela Frente Envira, eram pequenos e pouco numerosos. Atualmente são maiores e numerosos.

Atualmente, ocupam as florestas das terras firmes colinosas dos divisores de águas compreendidas entre as nascentes do Humaitá, afluente da margem direita do alto Muru, e as cabeceiras dos igarapés Simpatia, Mulateiro, Dois Irmãos, Anjo, Paranãzinho, Inês e Maronal, tributários da margem esquerda do alto rio Envira, incidindo em áreas compreendidas entre as TIs Kaxinawá do Rio Humai-

tá, Kampa e Isolados do Rio Envira e Kulina do Rio Envira.

São também conhecidos como os “brabos acreanos”, para distingui-los dos outros grupos “isolados” que migraram, a partir do início do presente século, do território peruano para terras indígenas acreanas, e também daqueles que transitam por ambos os lados da fronteira, em decorrência das invasões promovidas por madeireiros ilegais, turmas de trabalhadores de empresas petrolíferas e narcotraficantes que atuam no interior e nas proximidades de suas últimas áreas de refúgio estabelecidas na Reserva Territorial Murunahua e no Parque Nacional Alto Purús.

Suas trilhas de deslocamentos se estendem desde as nascentes até a foz do Humaitá, passando pelas cinco aldeias da terra Kaxinawá. Algumas delas seguem também em direção à base de proteção etnoambiental Xinane da Frente Envira. E outras no rumo de Santa Maria da Liberdade, último seringal ocupado por moradores não indígena no alto rio Envira.

Outras trilhas percorrem o igarapé Taraiá, afluente da margem esquerda do Humaitá, até as suas cabeceiras, e de lá seguem em direção às cabeceiras do rio Jaminawa, descendo até a sua foz no alto Muru, subindo este alto rio até as suas cabeceiras, passando pelos antigos seringais São Francisco, Santa Cruz, Novo Porto e Ceci, ocupados hoje por comunidades ribeirinhas.

Algumas passam ainda por todo o curso do Iboiaçu, afluente da margem direita do alto Muru, também ocupado por moradores não indígenas nas vizinhanças da terra Kaxinawá.

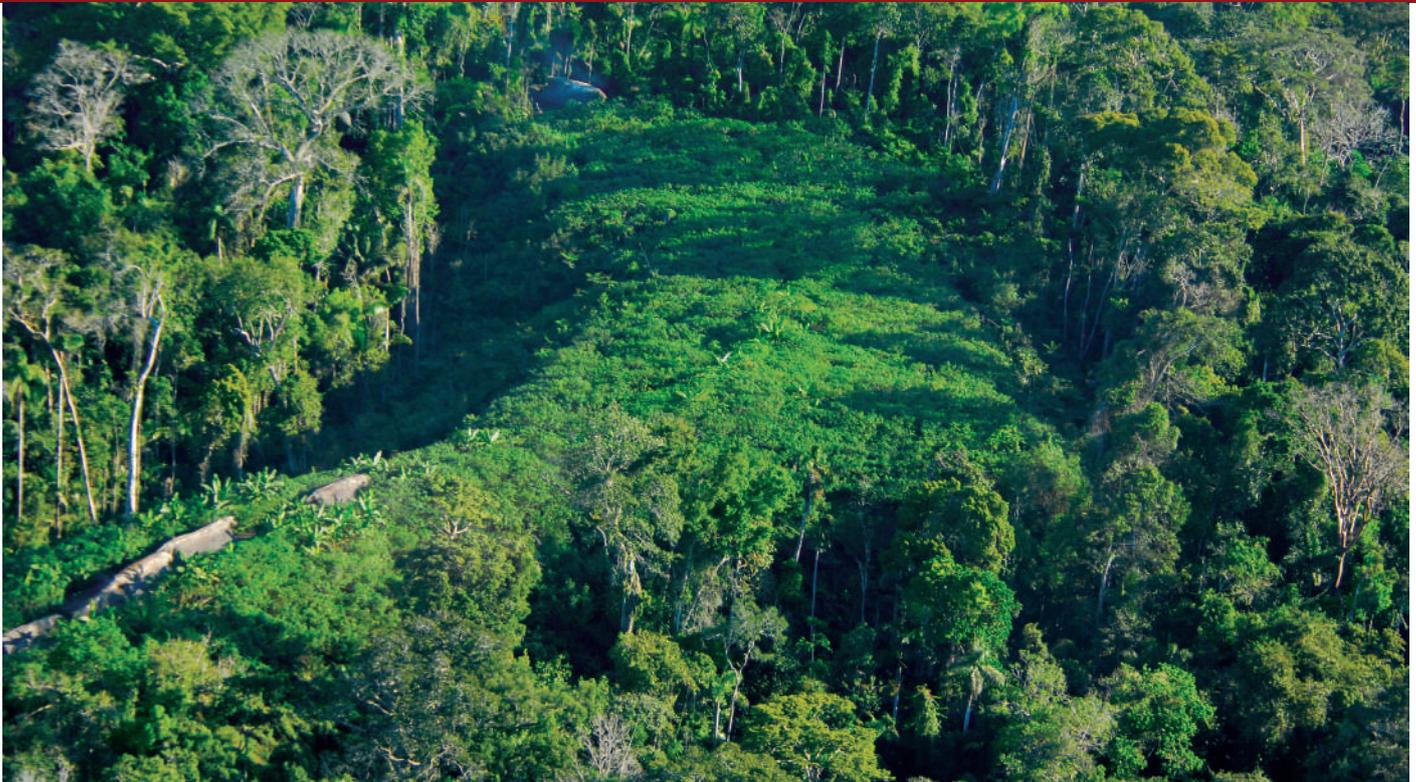
Alguns de seus integrantes já foram vistos saqueando um acampamento de caçadores e pescadores ilegais na antiga colocação Távora, situada nas cabeceiras do rio Jaminawá, tributário do alto rio Tarauacá, que é cortada pela estrada Jordão-Novo Porto, a apenas cinco horas de caminhada da sede municipal de Jordão.

Quase sempre nos meses de verão, alguns de seus integrantes já saquearam por duas ou mais vezes, nos últimos cinco anos, as casas dos moradores não indígenas das comunidades Samaúma e da antiga sede do seringal Santa Maria da Liberdade, a jusante das terras Ashaninka e Madijá do alto rio Envira.

Depois que os “isolados do Xinane” se estabeleceram na TI Kampa e Isolados do Rio Envira, os “isolados do Humaitá” deixaram de andar nas proximidades da base Xinane da Frente Envira, passando a saquear as casas dos moradores não indígenas do alto Muru e Iboiaçu com mais frequência.

## Abundância de alimentos

As fotografias aéreas revelam que os “isolados do Humaitá” estão vivendo atualmente com grande fartura e abundância de alimentos, provenientes tanto de seus numerosos e extensos roçados de terra firme, onde cultivam



diversas variedades de macaxeira, banana, milho, mamão, inhame, batata, amendoim, urucum, algodão e outros legumes, quanto de suas áreas ricas em biodiversidade, especialmente em caças, peixes e frutos da floresta.

Pela quantidade, tamanho e diversidade de seus roçados, bem como por ocuparem áreas de florestas ricas em caça, pesca e coleta de frutos, cocos e palmitos, dentre outros, a sua segurança alimentar provavelmente seja mais efetiva do que a de algumas comunidades Ashaninka e Madijá do alto Envira.

As malocas dos “isolados do Humaitá” são construídas no estilo “duas águas” e cobertas com palhas de ouricuri até o chão, com duas ou mais portas de entrada e saída. São arruadas e bem mais numerosas e maiores do que as dos “isolados do Xinane e do Riozinho”. Quase sempre são construídas no meio e/ou ao lado de seus roçados, com terreiros e caminhos bem limpos e zelados.

Pelas fotografias aéreas tiradas de alguns de seus integrantes, percebe-se que andam nus, com largos cintos de envira na cintura, onde amarram seus “estojos penianos”. Quase sempre estão pintados de vermelho do urucum e/ou de preto do jenipapo. Usam pulseiras e braceletes nos braços e pernas. Costumam também pendurar folhas medicinais perfumosas nos cintos atrás das costas. Seus cabelos são longos nas costas e depilados da frente até o meio da cabeça, o que lhes dá uma aparência estranha e inconfundível, que os distingue de outros grupos “isolados”.

Nos sobrevoos realizados sobre suas malocas e roçados, os “isolados do Humaitá” são facilmente avistados, mas nas fotos aéreas aparecem, quase sempre, muito agitados e apreensivos, sobretudo quando pequenos aviões e helicópteros sobrevoam próximos às suas aldeias. Armam-se logo com seus grandes arcos de pupunha braba e flechas





de tacana, com pontas de tabocas, certamente para se defenderem desses estranhos “pássaros metálicos”.

Ao contrário dos “isolados do Riozinho e do Xinane” que usam cabelos curtos e cortados em forma de cuia ao estilo Jaminawa, os “brabos do Humaitá” usam cabelos compridos nas costas e depilados na frente da cabeça. Costumam usar tearas de envira ou de algodão em suas cabeças. Suas malocas são bem maiores e numerosas do que as dos outros grupos “isolados” do alto Envira.

### Os “isolados do Riozinho”

As malocas e roçados dos “isolados do Riozinho” foram localizados a primeira vez nos sobrevoos promovidos pela FUNAI, em 2003/04, no contexto dos estudos de identificação e delimitação da TI Riozinho do Alto Envira. Em ambas as ocasiões foram avistados três conjuntos de suas malocas e roçados nas cabeceiras dos igarapés Riozinho, Furnanha e Jaminauá, tributários da margem direita do alto rio Envira.

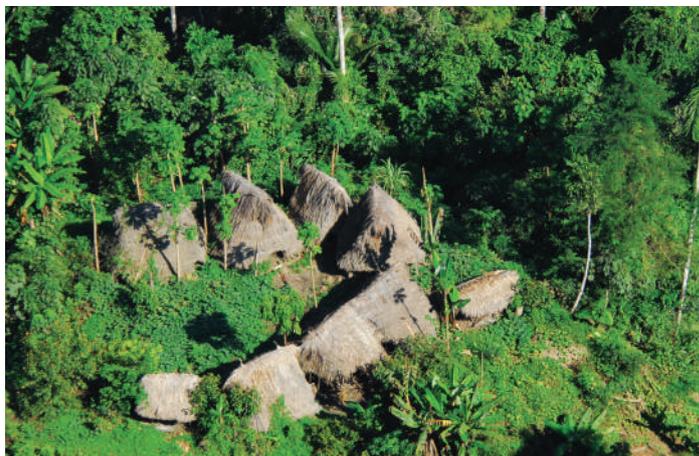
No entanto, em sobrevoos mais recentes, realizados pela Frente Envira, sobretudo a partir de 2008, percebe-se que a quase totalidade de suas malocas e roçados passaram a se concentrar nas cabeceiras do Riozinho, a cerca de três quilômetros da linha da fronteira Brasil-Peru.

Pelas proximidades de suas malocas e roçados da fronteira, parecem ser parte do mesmo grupo “isolado” que ocupa as cabeceiras do rio Curanja, afluente da margem esquerda do alto rio Purus, no lado peruano da fronteira. Sua população é estimada em pouco mais de 150 índios. Até agora foram os únicos que não se deixaram avistar nos inúmeros sobrevoos já realizados sobre suas malocas, roçados e florestas.

Suas malocas tradicionais, diferente das de outros “povos isolados agricultores”, possuem um formato mais circular, como se pode observar na foto a cima.

### Os “isolados do Xinane”

Por sua vez, os “isolados do Xinane”, provavelmen-



te oriundos do Parque Nacional Alto Purús e/ou da Reserva Territorial Murunahua, situados logo do outro lado da fronteira peruana, migraram, a partir de 2006, para as cabeceiras do igarapé de mesmo nome, na TI Kampa e isolados do Rio Envira.

Suas malocas e roçados foram avistados a primeira vez nos sobrevoos promovidos pela Frente Envira, em 2008, logo depois de uma incursão terrestre realizada por sertanistas e mateiros da Frente Envira nas cabeceiras do igarapé Xinane, ocasião em que foram encontrados vestígios de sua presença nas cabeceiras desse mencionado igarapé, afluente da margem esquerda do alto rio Envira.

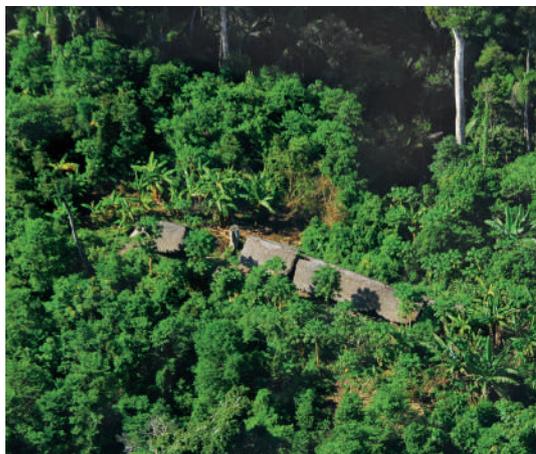
Trata-se, sem dúvida, de um processo migratório forçado decorrente de invasões promovidas por madeireiros ilegais peruanos no Parque Nacional Alto Purús e na Reserva Territorial Murunahua, habitats tradicionais de diversos povos indígenas que ainda vivem em isolamento voluntário.

Não foi, portanto, uma mera coincidência que, em 2006, logo após a chegada de um novo grupo “isolado” nas cabeceiras do igarapé Xinane, os mateiros da Frente Envira tenham recolhido dezenas de pranchas de mogno e de outras madeiras nobres, além de tambores de plásticos, certamente pertencentes a madeireiros ilegais do outro lado da fronteira, que vinham descendo o rio Envira, após uma

Pranchas de mogno e cedro, tambores, vasilhames e outros recipientes utilizados por madeireiros ilegais peruanos nas cabeceiras do rio Envira, recolhidos pelos trabalhadores da Frente de Proteção Etnoambiental Envira/Funai, em fevereiro de 2006



Fotos: FPÉE/FUNAI, fevereiro 2006



forte chuva de início de inverno como se pode observar nas fotos abaixo.

A partir de 2007, logo após a chegada dos “isolados do Xinane” na TI Kampa e Isolados do Rio Envira, houve um considerável aumento das ocorrências de confrontos armados nas imediações da base Xinane, quando sertanista e mateiros da Frente Envira passaram a ser alvos constantes de seus ataques a flechadas e tiros de espingardas.

Desde então, houve também um aumento dos casos de saques nas imediações dessa base de proteção da Frente Envira especialmente em seus roçados, porque eles andavam em busca de manivas de macaxeira, sementes de milho e mudas de bananeiras para cultivarem em seus próprios roçados. O que denota que tenham saído às pressas de suas malocas e roçados localizados do lado peruano da fronteira. Provavelmente, devido as invasões e “correrias” promovidas por madeireiros ilegais nas suas últimas áreas de refúgio estabelecidas no Parque Nacional Alto Purús e/ou na Reserva Territorial Murunahua.

Alguns de seus integrantes foram fotografados pela primeira vez no sobrevoo realizado, em 25 de março de 2014, por uma equipe do Cimi e da Reuters.

Sua população, estimada pela coordenação da Frente Envira, é de aproximadamente 50 índios. Por sua localização bem próxima da linha de fronteira, parece ser parte do mesmo povo “isolado” que continua ocupando o Parque Nacional Alto Purús, logo do outro lado da fronteira peruana.

## Primeiros Contatos com os “isolados do Xinane”

Em 29 de julho de 2014, um pequeno grupo de índios “isolados do Xinane”, todos ainda muito jovens, constituído por cinco homens e duas mulheres, manteve os primeiros contatos com os Ashaninka da aldeia Simpatia e com uma reduzida equipe de servidores da Frente Envira da FUNAI, que se encontrava lá naquela ocasião. Logo depois, esses índios foram levados à base Xinane, situada a cerca de duas horas de motor daquela aldeia Ashaninka.

Por terem contraído gripe e outras doenças infecciosas,

para as quais os “isolados” são extremamente vulneráveis, equipes médicas da SESAI e da Escola Paulista de Medicina foram requisitadas pela FUNAI e levadas de helicóptero até a base Xinane, onde foram devidamente tratados e curados.

Para estabelecer e facilitar o diálogo com esses índios “isolados”, dois Jaminawa de Sena Madureira/AC também foram transportados de helicóptero à base Xinane, que se encontrava desativada há quase três anos devido às invasões ali promovidas, em 2011/12, por narcotraficantes internacionais oriundos do lado peruano da fronteira.

Em novembro desse mesmo ano, 28 índios “isolados” já estavam vivendo na base Xinane, onde colocaram um grande roçado. Antes de seu plantio, foram buscar sementes tradicionais de milho massa, manivas de macaxeira e pimentas que cultivavam nos roçados de suas malocas, situadas nas cabeceiras do igarapé Xinane.

Para os intérpretes Jaminawa, não se trata de um novo povo indígena no Acre, já que eles fazem parte de seu próprio grupo étnico. E que, até então, haviam decididos viver voluntariamente “isolados” na floresta. Segundo eles, esses contatos iniciais serão, de fato, irreversíveis.

Com sua antiga política de manter os índios isolados na floresta e evitar o contato, ficou claro que a FUNAI não está preparada para recebê-los, quando eles decidiram manter os primeiros contatos com o mundo dos brancos. A improvisação que se seguiu a essa iniciativa dos próprios “isolados” em manter esse contato, não pode ser mais repetida.

## Os grupos Mashco Piro nômades

Já em relação a um quarto povo “isolado” também identificado no lado acreano da fronteira, denominado Mashco Piro, seus diferentes grupos extensos percorrem as florestas de terra firme das nascentes de quatro grades bacias hidrográfica da Amazônia peruana: Madre de Dios, Purús, Yurua (Juruá) e Ucayali.

Entram em território acreano pelo Iaco (TI Mamoadate), Acre (Reserva Biológica Rio Acre), Chandless (Parque Es-

tadual Rio Chandless) e Envira (TI Kampa e Isolados do Rio Envira), que são rios binacionais.

Em seus constantes deslocamentos pelas florestas das cabeceiras dos mencionados altos rios acreanos, quase sempre na época seca de “verão amazônico” (de maio a outubro), não cultivam roçados nem constroem malocas,

Em diversos locais das cabeceiras desses rios acreanos, foram localizados alguns de seus acampamentos, com dezenas de tapiris, indicando para cada um de seus diversos grupos extensos uma população constituída por 100 a 150 índios.

No foto a cima, um desses diversos grupos extensos Mashco Piro procura estabelecer os primeiros contatos com os Manchineri da comunidade de Monte Salvado, no rio de las Piedras, afluente da margem esquerda do rio Madre de Dios. Esta comunidade constitui, hoje em dia, uma espécie de base de proteção etnoambiental para esses grupos Mashco Piro que também transitam pelo lado acreano da fronteira.

Nos seus acampamentos provisórios, foram encontrados muitos ossos e dentes de caças (anta, veado, queixada, porquinho, diversos tipos de macaco, jacu, mutum, jacamim e outros), além de muitos cascos de jabuti e cocos quebrados, notadamente ouricurii e cocão Mas não foram visto nenhuma escama e espinha de peixes, tampouco vestígios de ovos e cascos de traçajás e tartarugas, indicando condições de vida típicas dos grupos caçadores e coletores nômades da floresta.

Na época chuvosa de inverno (de novembro a abril), concentram-se nas cabeceiras do Madre de Dios e de seus principais afluentes, os rios Tahuamanu, los Amigos e las Piedras, em território peruano fronteiriço.

Seus diferentes grupos extensos falam uma língua, senão a mesma, pelo menos muito próxima do idioma falado pelos Manchineri/Yine da TI Mamoadate, do tronco linguístico Aruaque.

## Estimativa populacional dos “isolados”

Segundo informações disponibilizadas pela coordenação da Frente Envira, a população agregada desses quatro povos “isolados” no lado acreano da fronteira varia entre 600 a 1.000 índios. Trata-se, provavelmente, de uma das maiores concentrações de povos indígenas resistentes ao contato interétnico na Amazônia brasileira.

Além desses quatro povos “isolados” já localizados pela Frente Envira, há ainda informações sobre a presença de outros grupos de índios “isolados” não identificados, provavelmente oriundos do lado peruano da fronteira, que transitam e/ou perambulam sazonalmente pelo território acreano fronteiriço.

## Presença de outros grupos “isolados” no Acre

Os Huni Kuĩ da TI Kaxinawá do Rio Jordão afirmam que pequenos grupos de índios “isolados”, vindos da Reserva Territorial Murunahua no lado peruano da fronteira, quase sempre na época de “verão amazônico”, descem o igarapé Papavô, afluente das cabeceiras de seu rio, seguindo em direção ao alto rio Tarauacá, na terra indígena homônima única terra destinada exclusivamente a povos não contatados no lado acreano da fronteira.

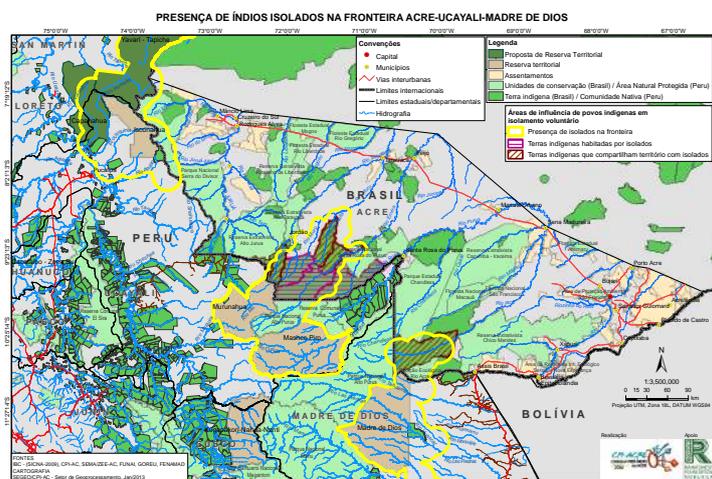
A partir de 2011, foram registrados diversos casos de vestígios e avistamentos de outros grupos de índios “isolado” desconhecidos nas proximidades das primeiras aldeias da TI Kaxinawá da Praia do Carapanã, situada no médio curso do rio Tarauacá, já bem distante da linha de fronteira.

Em 2012, por sua vez, os Yawanawá da TI Rio Gregório encontraram inúmeros vestígios desses mesmos grupos “isolados” desconhecidos nas proximidades de suas aldeias Mutum e Nova Esperança, também muito afastada da linha de fronteira.

Foram ainda encontrados alguns vestígios de índios “isolados” nas cabeceiras do igarapé Tapada, afluente da margem direita do alto rio Moa, no Parque Nacional da Serra do Divisor, próximo à linha da fronteira Brasil-Peru. Provavelmente, são oriundos da Reserva Territorial Isconahua, situada logo do outro lado peruano da fronteira.

## Os “corredores transfronteiriços dos isolados”

As terras indígenas, reservas territoriais e parques nacionais, estabelecidos em ambos os lados da fronteira Brasil-Peru, ocupados e utilizados por esses povos resistentes ao contato interétnico, constituem hoje os chamados “corredores transfronteiriços dos isolados”. No mapa abaixo, esses três corredores estão destacados em cores amarelas.



Áreas protegidas no lado peruano da fronteira ocupadas por povos “isolados”

CATEGORIA	DEPARTAMENTO	DENOMINAÇÃO	EXTENSÃO (HA)
Reservas territoriais para índios isolados	Madre de Dios	Reserva de estado para Pueblos Indígenas de Madre de Dios	829.941
	Ucayali	Reserva territorial Murunahua	481.560
	Ucayali	Reserva territorial Mashco-Piro	768.847
	Ucayali	Reserva territorial Isconahua	481.564
		Reserva territorial Kugapakori Nahua Nanti	251.080
Zonas Naturais	Ucayali e Madre de Dios	Reserva Comunal Purus	202.033
	Ucayali	Parque Nacional Alto Purús*	1.741.847
		Parque Nacional Manu	
Zona Reservada	Ucayali e Loreto	Zona Reservada Sierra del Divisor**	120.264
Total 3	3	7	5.502.534

FONTE: ZONEAMENTO ECOLÓGICO E ECONÔMICO DO ESTADO DO ACRE (SEMA/AC, 2006)

## O lado peruano da fronteira

Em território peruano fronteiriço existe também um mosaico de áreas protegidas, constituído pelas Reservas Territoriais Madre de Dios, Mashco Piro, Murunahua, Kugapakori Nahua Nanti e Isconahua, bem como pelo Parque Nacional Alto Purús e a Zona Reservada Serra do Divisor, além de Comunidades Nativas nas calhas dos altos rios Purus e Juruá, que constituem atualmente as últimas áreas de refúgio de “pueblos indígenas en aislamiento voluntário”.

Com extensão de pouco mais de 5,5 milhões de hectares, situadas nos Departamentos de Madre de Dios, Ucayali e Loreto, essas áreas naturais protegidas limitam-se com dezenas de “lotes de produção permanentes” madeireiros e com outras grandes extensões de lotes destinados à prospecção e exploração de petróleo e gás, concedidos pelo governo peruano a empresas petrolíferas multinacionais.

Vários desses lotes petrolíferos estão superpostos e/ou bem próximos às reservas territoriais e ao Parque Nacional Alto Purús, que constituem habitats tradicionais de mais de uma dezena de povos “isolados” distintos.

Além das cinco reservas territoriais mencionadas acima, com extensão de pouco mais de 2,5 milhões de hectares, há demandas para a criação de outras cinco no lado peruano da fronteira.

Diferentemente do Brasil, onde a proteção dos povos “isolados” é de competência exclusiva do Estado brasileiro, representado pelo órgão indigenista federal, no lado peruano da fronteira essa proteção é feita por organizações indígenas, como a AIDSESP (Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana) e a FENAMAD (Federación Nativa de Madre de Dios y Afluentes), com apoio do Ministério da Cultura e do INDEPA (Instituto Nacional de Desarrollo de Pueblos Andinos, Amazónico y Afroperuano)..

As mencionadas organizações indígenas e o Instituto del Bien Comun (IBC), uma organização não-governamental, estimam que haja atualmente cerca de 15 povos “isolados” distintos na Amazônia peruana, com uma população agregada estimada em mais de cinco mil índios. Provavelmente, a maior concentração de índios “isolados” na “cuenca amazónica sul-americana”.

O século XXI começou tão violento para os povos indígenas dessa região peruana fronteiriça, sobretudo para os chamados “isolados”, quanto o início do século passado, que foi marcado pelas “correrias”, massacres e epidemias promovidos pelos integrantes das frentes extrativistas do caucho e da seringa.

De fins do século passado até a primeira década do presente século, praticamente toda a selva peruana, especialmente o mencionado mosaico de áreas protegidas, foi palco de invasões promovidas por empresas madeireiras e suas numerosas “turmas de madeireiros ilegais”. Uma delas, a Forestal Venao SRL, tida como a maior empresa exportadora de madeiras certificadas de Pucallpa, cidade peruana considerada a “capital da caoba”, chegou a construir uma estrada de 160 km de extensão, interligando os vales dos rios Ucayali e Juruá, atravessando as últimas reservas de mogno da selva peruana.

Em alguns de seus trechos, essa estrada passa a 200 metros da fronteira, coincidindo com os limites sul da TI Kampa do Rio Amônia e da Reserva Extrativista do Alto Juruá, causando significativos impactos socioambientais em ambos os lados da fronteira, especialmente sobre os recursos hídricos e as caças.

Nesse período, além de explorar mogno, cedro e outras madeiras nobres ao longo dessa estrada, inclusive nas re-

servas territoriais, unidades de conservação e nas “Comunidades Nativas” Ashaninka, Amahuaca e Jaminahua, a Forestal Venao SRL estimulou centenas de madeireiros ilegais peruanos a invadir e explorar mogno também nas florestas dos fundos da TI Kampa do Rio Amônia e do Parque Nacional da Serra do Divisor, no lado acreano da fronteira.

Nos anos de 2003/04, as lideranças Ashaninka da APIWTXA, organização indígena da TI Kampa do Rio Amônia, mobilizaram-se politicamente e articularam com autoridades brasileiras, especialmente a FUNAI, IBAMA, Ministérios da Justiça e do Meio Ambiente, além do Itamarati e das próprias forças armadas, para coibir a continuidade dessas invasões nos fundos de sua terra e do mencionado parque, levantando a bandeira da “defesa da soberania nacional”.

Em 2004, essas invasões foram amplamente comprovadas em operações realizadas pelo Exército brasileiro, Polícia Federal e IBAMA, ocasião em que foram presos dezenas de madeireiros peruanos e destruídas grandes quantidades de toras e pranchas de mogno e cedro tanto na terra Ashaninka, quanto no parque nacional.

## Dinâmicas transfronteiriça

No início do século XXI, um novo modelo de ocupação econômica baseado na exploração predatória de madeiras (mogno e cedro) se intensificou no lado peruano da fronteira.

Na primeira década do presente século, a região transfronteiriça formada pelos vales dos altos rios Madre de Dios, Purus, Juruá, Ucayali e pelos seus inúmeros afluentes e tributários, anteriormente habitados quase que exclusivamente por povos indígenas contatados e “isolados”, passou por profundas transformações fundiárias, econômicas e socioambientais decorrentes da intensificação tanto das frentes madeireiras e petrolíferas, quanto do narcotráfico e das grandes obras de infraestrutura, a exemplo da Rodovia interoceânica.

Essas transformações econômicas provocaram impactos significativos nas populações indígenas, sobretudo nas últimas áreas de refúgio dos povos “isolados”.

A partir de 2006, houve um significativo reordenamento territorial entre os povos “isolados” ao longo da fronteira Brasil-Peru, levando alguns deles, ou partes deles, a migrarem do lado peruano para terras indígenas acreanas, a exemplo do “isolados do Xinane” e de vários grupos nômades Mashco Piro.

No vale do alto Juruá peruano, os impactos socioambientais decorrentes das dinâmicas transfronteiriça foram ainda mais intensos, como se pode observar nos seguintes trechos documento final do X Encontro do Grupo de Trabalho Transfronteiriço realizado, em 2008, na TI Poyanawa.

“A ampliação da extração de madeira na região do Alto

Juruá peruano tem ocorrido ainda nas Reservas Territoriais Murunahua e Mashco-Piro e no Parque Nacional Alto Purús, territórios de habitação de índios *isolados* Murunahua, Chitonahua e outros, resultando em restrições territoriais, correrias, contatos forçados, conflitos entre isolados e moradores de comunidades nativas, doenças e trabalho compulsório. Migrações recentes de grupos de isolados para terras indígenas situadas no alto rio Envira têm resultado na expansão da extração ilegal de madeira naquela região.

Significativo tráfico de pasta base de coca está em curso em diferentes extensões da fronteira do Estado do Acre com o Peru, causando problemas e riscos aos povos indígenas e moradores de unidades de conservação. Cultivos de coca e centros de refino estão hoje localizados nas cabeceiras do rio Amônia e nos altos rios Calleria, Utiquinia e Abujao, em território peruano. No Alto Juruá, mulas, peruanas e brasileiras, atuando por vezes em grupos fortemente armados, têm utilizado diferentes trechos do Parque Nacional da Serra do Divisor, da Reserva Extrativista do Alto Juruá e das TIs Nukini, Poyanawa, Jaminawa do Igarapé Preto e Mamoadate como rotas de passagem, constringendo e ameaçando famílias dessas áreas reservadas e, inclusive, procurando aliciar jovens para as atividades do tráfico”.

A partir de 2008, com o início da crise econômica nos USA e União Europeia, principais mercados compradores de mogno e outras madeiras nobres, houve um considerável refluxo das atividades madeireiras predatórias na selva peruana, levando a maioria dessas empresas madeireiras a falirem, especialmente a mais importante delas, a Forestal Venao SRL.

No entanto, outras atividades predatórias, como a mineração na região de Madre de Dios e o narcotráfico no vale do Alto Juruá se intensificaram em ambos os lados da fronteira.

A partir de 2011, a presença de narcotraficantes nas cabeceiras do Envira, provavelmente buscando novas rotas de tráfico de cocaína e outras drogas ilícitas do lado peruano da fronteira para o território acreano, praticamente desativou a base Xinane da Frente Envira.

Essas novas dinâmicas transfronteiriça têm provocado, conforme ressaltado acima, contatos forçados com grupos “isolados” e mudanças no calendário de seus deslocamentos por ambos os lados da fronteira. Têm também promovido desmatamentos e queimadas; diminuição das ofertas de caça e pesca e outras formas tradicionais de sobrevivência; mudanças culturais abruptas entre povos indígenas que vivem próximos das estradas; crescente aumento da violência e possibilidade de novos confrontos armados envolvendo povos indígenas, sobretudo os “isolados”.

Presença de povos “isolados” nos rios Humaitá, alto Muru, Iboiaçu, alto Tarauacá, Jordão e alto Envira, no lado acreano da fronteira Brasil-Peru

OCORRÊNCIAS	1980-89	1990-99	2000-05	2006-13	SEM DATAS	SUBTOTAIS
Saques	10	02	07	51		70
Avistamentos	03	01	04	38	02	48
Vestígios	05	01	05	45	07	63
Confrontos Armados	05	05	04	19		33
Mortes de “isolados” (Ataque)	01		01			02
Mortes de moradores brancos		03				03
Conflitos com narcotraficantes				01		01
Prisão de narcotraficantes				02		02
Subtotais	24	12	21	156	09	222

Conflitos ainda ocorrem devido ao crescente aumento dos casos de saques praticados por grupos “isolados” nas aldeias das terras Kaxinawá do Humaitá e Jordão, nas comunidades Ashaninka e Madijá do alto rio Envira e nas casas de moradores não indígena de suas vizinhanças.

## O “mapa dos isolados”

O mapa dos povos “isolados” nos rios Humaitá, alto Muru, Iboiaçu, alto Tarauacá, Jordão e alto Envira, também denominado “mapa dos Isolados”, foi construído nas chamadas “oficinas de informação e sensibilização sobre índios isolados” promovidas, nos últimos cinco anos, nas aldeias das terras Kaxinawá, Ashaninka e Madijá e nas comunidades de moradores não indígenas do entorno.

Sua elaboração só foi possível devido às informações fornecidas por lideranças, pajés, professores, agentes de saúde, agentes agroflorestais e outros representantes Kaxinawá, Ashaninka e Madijá, que compartilham suas terras com diferentes povos “isolados”.

Outras informações foram também disponibilizadas por moradores não indígenas, que também compartilham territórios de uso com esses povos resistentes ao contato.

Contou ainda com relatos consistentes fornecidos por sertanistas e mateiros regionais que, até 2010, trabalharam nas bases Xinane e Douro da Frente Envira.

Nele, foram mapeados os territórios de habitação e de uso dos três distintos “grupos isolados agricultores”, onde foram plotados suas malocas e roçados, suas trilhas de deslocamento e áreas das terras Kaxinawá do Humaitá e Jordão, situadas a montante de seus rios, que foram disponibilizadas para uso, senão exclusivo, pelos menos preferencial dos “isolados”, coincidindo com as áreas de refúgio destinadas à reprodução de caça e peixe de ambas as terras.

## Presença de povos “isolados” na fronteira acreana

No “mapa dos isolados” constam ainda 222 ocorrências da presença de índios “isolados” na região das proximidades do Paralelo de 10° Sul, limite da fronteira Brasil-Peru. Deste total, foram registrados 70 casos de saques praticados por grupos de índios “isolados”, 48 casos de avistamentos, 63 casos de vestígios de sua presença e 36 ocorrências de confrontos armados, além de cinco mortes, duas

de índios “isolados”, ocorridas nas TIs Kaxinawá do Rio Jordão e TI Alto Tarauacá, e três de moradores brancos nesta última terra destinada exclusivamente a povos “isolados”.

Apenas nove ocorrências encontram-se sem registro de datas, correspondentes a sete vestígios e dois avistamentos.

A tabela acima sistematiza os dados referentes à presença de índios “isolados” nas proximidades do Paralelo de 10° Sul, linha da fronteira Brasil-Peru, registrados nas duas últimas décadas do século passado e nos primeiros 13 anos do presente século.

## Os casos de saques

No período de 1980 a 2013, foram mapeados 70 casos de saques praticados por índios “isolados” nas aldeias Kaxinawá, Ashaninka e Madijá, bem como nas casas dos ribeirinhos, e ainda nas bases de proteção etnoambiental da Frente Envira.

Desse total, 51 casos de saques, correspondentes a 72,1%, aconteceram no período de 2006 a 2013. Nestes últimos oito anos, o crescente aumento dos casos de saques tem sido motivado pela intensa busca de novas tecnologias agrícolas, especialmente ferramentas de metal, como terçados, machados e facas, que eles já utilizam na abertura de roçados, construção de malocas e confecção de instrumentos de caça e pesca e outros itens de suas culturas materiais. Visam também obter utensílios de alumínio, sobretudo panelas, pratos, copos e colheres. Buscam ainda conseguir tecidos, roupas confeccionadas, redes, cobertas, lonas, lençóis, cordas, linhas de náilon, vidros e outras miudezas.

As táticas adotadas pelos “isolados” nesses expressivos casos de saques consistem em levar tudo o que eles podem carregar da maneira mais rápida possível, sem escolher a priori os bens que estão sendo saqueados. Para só depois, mais tranquilos no meio da mata, fazerem a triagem dos bens

industrializados que querem efetivamente levar para suas malocas. Por conta disso, quase todas as vítimas de saques relatam que ficaram “só com a roupa do corpo”.

Para adquirirem essas ferramentas e bens industrializados estão arriscando suas próprias vidas. “Os isolados querem as nossas coisas, mas não querem a gente”, assevera o experiente sertanista Meirelles.

## Os avistamentos

Dos 48 casos de avistamentos de índios “isolados”, registrados nesse mesmo período de 1980 – 2013, 38 deles, equivalentes a 71,1% desse total, ocorreram a partir de 2006.

Como se podem observar, os casos de avistamentos também vêm aumentando consideravelmente nos últimos oito anos, apesar da vontade deles se manterem invisíveis no interior da floresta, sobretudo quando estão observando e pesquisando os hábitos de seus vizinhos indígenas e não indígenas do entrono.

Os avistamentos também vêm crescendo devido aos encontros ocasionais em caçadas e pescarias, bem como em decorrência do crescente aumento dos casos de saques e confrontos armados.

## Os vestígios

De um total de 63 casos de vestígios registrados nesse mesmo período de 1980 – 2013, 52 deles ocorreram entre 2006 e 2013.

Esses casos de vestígios também são expressivos e diversos. E têm crescido também nos últimos oito anos. Podem ser tanto vestígios materiais, como rastros, trilhas, acampamentos provisórios, tapiris, “camas” de palhas de jarina, moquéns, “peras”, cestos, paneiros, restos de comida, cascos de jabuti, tições de fogos, flechas, pedaços de flechas, olhos de tacanas cortados para confecção de flechas, arcos de pupunha braba, quanto “sinais sonoros”, quando arremedam os cantos de aves, como nambu azul, nambu galinha, nambu relógio, jacu, jacamim, mutum, uru, macucau, e gritos de diversos tipos de macaco, como capelão, prego, preto, zogue-zogue e outros.

## Os confrontos armados

Foram ainda mapeadas 33 ocorrências de confrontos armados, nesse período de 1980 – 2013, envolvendo, de um lado, índios “isolados” e, de outro, seus vizinhos indígenas e não indígenas no entorno.

Desse total, 10 casos de confrontos armados foram registrados nas duas últimas décadas do século passado, enquanto 23 deles ocorreram nos primeiros 13 anos do presente século. Alguns deles resultaram em casos comprovados de mortes e feridos de ambos os lados.

## As mortes de “isolados”

Foram ainda registradas nesse mapa cinco ocorrências de mortes, duas de índios isolados e três de moradores não indígenas. A primeira morte de “isolados” ocorreu, em 1988, no igarapé Papavô, afluente da margem esquerda do alto Jordão, na TI Kaxinawá do Rio Jordão, praticada por um grupo de caçadores Huni Kuĩ da aldeia Bondoso.

Por conta da “vingança dos brabos”, todos os moradores de Bondoso mudaram-se para outras aldeias das três terras Kaxinawá de Jordão, ou criaram outras à jusante desse rio, logo que os “isolados” começaram a revidar, atacando com flechadas e tiros de espingardas aqueles que haviam mata-do o seu parente.

A outra morte aconteceu, em 2000, na TI Alto Tarauacá, quando um integrante de um grupo de madeireiros e caçadores ilegais, oriundo da sede do Município de Jordão e de seus arredores, assassinou, com um tiro de espingarda calibre 20, no lado esquerdo do peito, um índio “isolado” que transitava pelas matas da colocação Cachoeira, do antigo seringal Oriente, no rio Douro.

Pela primeira vez na história do Judiciário acreano, o assassinato de um índio “isolado” resultou no Processo Criminal Nº 2.815/2002 do “Juízo de Direito da Comarca de Tarauacá/AC”.

A denúncia foi então apresentada pelo Ministério Público do Estado do Acre, no qual foram acusados por “crime contra a vida, destruição e ocultação de cadáver e homicídio qualificado em desfavor dos seguintes réus: José Lourenço da Silva, conhecido como Trubada, residente na cidade de Jordão, considerado o autor do disparo e que, desde então, encontra-se foragido da Justiça”.

Outros quatro denunciados foram acusados por “crime de ocultação de cadáver”, dentre eles, Auton Dourado de Farias, vereador do município e sobrinho do então prefeito Turiano Farias; Francisco Sampaio da Silva, conhecido como Benício, agricultor residente na cidade de Jordão; Edésio Oliveira, conhecido por Dez, residente na cidade de Jordão; Francisco Alves de Moraes Filho, conhecido como Chico do Maranhoto, agricultor, residente na colocação Terra Firme do seringal Boa Vista, na Reserva Extrativista Alto Tarauacá.

De acordo com o inquérito realizado pela Polícia Federal, em 2000, “consta que o primeiro denunciado matou desnecessariamente, por motivo fútil, um índio isolado, ou brabo, que perambulava por aquela localidade”.

Consta ainda que um deles, o então vereador Auton Dourado de Farias, “antes de enterrar o cadáver, destruiu parte dele, ao retirar-lhe os órgãos reprodutores, conforme atesta a prova testemunhal de fls. 32/39” INQUÉRITO POLICIAL Nº 108/00, ORIUNDO DA POLÍCIA FEDERAL NO ESTADO DO ACRE

## As mortes de moradores não indígenas

Três casos de mortes de moradores não indígenas ocorreram na TI Alto Tarauacá. Duas mulheres, Maria das Dores Oliveira e sua filha Aldeniza de Oliveira Rocha, foram mortas a flechadas na colocação Tabocal, de São Paulo, último seringal do alto rio Tarauacá. Um homem, Domingos Neves de Souza, filho do proprietário do seringal Alegria, também foi morto a flechadas, em 1997, no alto rio Douro.

## Criminalização dos “isolados”

Um inusitado caso de saque praticado por um pequeno grupo de índios “isolados do Humaitá” ocorrido, no verão de 2009, na casa de um morador do seringal São Francisco, no alto Muru, foi objeto de um Boletim de Ocorrência (BO) na Delegacia Geral de Polícia de Tarauacá. Neste documento consta que “No dia 22 de outubro de 2009, na Delegacia Geral de Polícia desta cidade de Tarauacá/AC, o Sr. Sebastião da Silva Pereira noticiou que os índios selvagens adentraram em sua residência e furtaram tudo o que havia em sua casa, como todos os seus documentos pessoais, roupas, pratos, panelas, todos os lençóis e não deixaram nada. O noticiante disse ainda que na hora da ocorrência estava trabalhando. Diante do exposto vem à presença da autoridade policial competente pedir que sejam tomadas as medidas cabíveis”.

Ao tomar conhecimento do referido BO, o representante da ASPIRH (Associação dos Povos Indígenas Rio Humaitá), o cineasta indígena Nilson Saboia Tuwe Kaxinawá fez o seguinte comentário: “Lá na rua (cidade de Tarauacá) agora, os brabos do Humaitá já viraram até caso de polícia”

## Uma nova terra para os “isolados”

A proposta de reconhecimento oficial de uma nova terra indígena para os povos “isolados” nos altos rios Muru e Tarauacá foi inicialmente formulada por lideranças e representantes Huni Kuĩ, em conjunto com a coordenação da Frente de Proteção Etnoambiental Envira, da FUNAI, no âmbito das “oficinas de informação e sensibilização sobre índios isolados” promovidas, de 2009-13, nas terras Kaxinawá do Rio Humaitá, Kaxinawá do Rio Jordão, Kaxinawá do Baixo Rio Jordão e Kaxinawá do Seringal Independência.

A restrição de uso e a posterior identificação dessa nova terra indígena, com extensão estimada em 86.300 hectares, poderão garantir tanto a efetiva proteção dos povos “isolados”, quanto a vigilância, o monitoramento e a fiscalização de suas áreas de ocupação sazonal e/ou de perambulação situadas fora das 12 áreas protegidas (10 terras indígenas e duas unidades de conservação) já regularizadas na região acreana fronteiriça.

Só assim se poderão evitar os impactos socioambientais decorrentes da construção da estrada Jordão-Novo Porto, que vêm intensificando e facilitando ainda mais as invasões promovidas atualmente por madeireiros, pescadores

e caçadores ilegais nos territórios de ocupação e de perambulação de diferentes povos “isolados”.

A nova “terra dos brabos”, como dizem os Huni Kuĩ, além de eliminar os corredores por onde esses invasores penetram nos fundos das terras Kaxinawá do Humaitá e do Seringal Independência, bem como da TI Alto Tarauacá, poderá reduzir o crescente aumento dos casos de saques e as ocorrências dos confrontos armados envolvendo grupos de índios “isolados” e moradores não indígenas dos últimos seringais dos altos rios Muru e Tarauacá.

O início do processo de regularização fundiária dessa terra poderá ainda contemplar o considerável aumento demográfico dos povos “isolados”, decorrente tanto do crescimento vegetativo de suas populações, quanto de processos migratórios atualmente em curso do lado peruano da fronteira para terras indígenas acreanas.

Por outro lado, é preciso compreender que esse processo migratório de grupos “isolados” sempre foi pendular, dependendo das pressões das frentes econômicas sobre suas últimas áreas de refúgio situadas em ambos os lados da fronteira.

No início do século passado, marcado pelo estabelecimento dos seringais nos altos rios acreanos, alguns grupos “isolados”, ou partes deles, foram obrigados a migrar para o lado peruano da fronteira, como aconteceu em 1914, quando parte do povo Huni Kuĩ/Kaxinawá no alto rio Envira, em território acreano, foi obrigado a migrar para as cabeceiras do rio Curanja, no lado peruano da fronteira.

Já no início do presente século, com a intensificação das frentes madeireiras, petrolíferas e mineradoras, bem como do narcotráfico, no lado peruano da fronteira, atingindo suas últimas áreas de refúgios, partes desses povos “isolados” estão retornando ao território acreano. Desse modo, não se pode falar em “isolados peruanos” nem em “isolados brasileiros”. Para eles essa fronteira política entre os dois países é porosa e inexistente. Habitam um lado ou outro da fronteira dependendo das circunstâncias, como ressaltado acima.

É importante considerar ainda a significativa presença de grupos “isolados” no interior dessa nova terra que está sendo proposta para os “isolados”. Nos últimos 33 anos, foram registrados 46 ocorrências de suas presenças nos altos rios Muru e Tarauacá. Deste total, destacam-se 23 casos de saques, oito casos de avistamentos, cinco casos de vestígios, seis ocorrências de confrontos armados, além de quatro mortes de ambos os lados, um de índio “isolado” e três de moradores não indígenas.

Só os dados expostos acima, já justificaria a necessidade de reconhecimento oficial de uma nova terra indígena destinada aos povos “isolados” nos altos rios Muru e Tarauacá, no lado acreano da fronteira.



**Estrada Jordão-Novo Porto, inaugurada em 7 de setembro de 2013, está provocando fortes impactos socioambientais nas terras Kaxinawá do Humaitá e na terra Alto Tarauacá, destinada exclusivamente a povos indígenas “isolados” no Acre**

## A estrada Jordão – Novo Porto

Inaugurada em 07 de setembro de 2013, a estrada Jordão-Novo Porto, com 40 km de extensão, interliga a cidade de Jordão, sede do município fronteiriço de mesmo nome, no alto rio Tarauacá, à comunidade do antigo seringal Novo Porto, no alto rio Muru.

Construída nos últimos seis anos pela Prefeitura de Jordão e o Governo do Acre sem nenhuma licença ambiental, EIA – Rima e consulta às comunidades locais afetadas, essa estrada certamente causará fortes impactos fundiários, econômicos e socioambientais tanto nas terras Kaxinawá do Humaitá, Baixo Jordão e Seringal Independência, compartilhadas com um número expressivo de índios “isolados”, quanto na TI Alto Tarauacá, bem como na Resex Alto Tarauacá.

Seu trajeto atravessa terras devolutas da União, da prefeitura local e de particulares, beneficiando notadamente o proprietário do antigo seringal Novo Porto, Sr. Bibiu Aragão, atual vice-prefeito de Jordão.

Ao longo de seu percurso, vêm se intensificando, sobretudo nos últimos seis anos, os desmatamentos e queimadas, devido à abertura de fazendas e colônias. O próprio ICMBio está promovendo o deslocamento de fazendeiros da Resex Alto Tarauacá para áreas situadas ao longo de seu percurso, o que certamente aumentará ainda mais os desmatamentos nessa região acreana fronteiriça.

E, mais graves ainda, índios “isolados” perambulam ao longo de seu percurso. Em 2009, um grupo de índios “isolados” saqueou um acampamento de caçadores e pescadores ilegais, oriundos da cidade de Jordão e de suas proximidades, na antiga colocação Távora, situada nas cabeceiras do rio Jami-

nauá, afluente da margem direita do alto Tarauacá, cortada por essa estrada.

A estrada Jordão-Novo Porto atravessa ainda a última reserva de mogno existente nos altos rios Tarauacá e Muru, onde já está se iniciando exploração predatória de madeira.

Para minorar os impactos decorrentes de sua construção, lideranças Huni Kuĩ da TI Kaxinawá do Rio Humaitá e representantes da Associação dos Povos Indígenas do Rio Humaitá (ASPIRH) apresentaram um conjunto de sugestões relacionado abaixo. E para efetivamente implementá-las, solicitaram a mediação do Ministério Público Federal no Estado do Acre e à 6ª Câmara de Coordenação e Revisão/MPF, em Brasília. Dentre as recomendações por eles apresentadas, destacam-se:

1. Construir uma nova base de proteção etnoambiental da Frente Envira no alto rio Muru, com a finalidade de proteger a parte sul da TI Alto Tarauacá das invasões promovidas por caçadores e pescadores predatórios, bem como por madeireiros ilegais, minimizando assim os impactos decorrentes da construção da estrada Jordão-Novo Porto, que facilita os deslocamentos desses invasores.
2. Capacitar “colaboradores indígenas” Kaxinawá para trabalharem na Frente Envira, principalmente na construção da base Alto Muru, garantindo suas permanências na mesma, acompanhados por servidor da Frente Envira.
3. Destinar, de comum acordo com a Diretoria de Proteção Territorial da FUNAI, partes das terras Kaxinawá do Humaitá e Jordão, situadas a montantes de seus rios, para uso, senão exclusivo, pelo menos preferencial de grupos

FOTO RAFAEL FARES, DEZEMBRO DE 2013



**Nilson Saboia e Tuwe e Isaias Sales Ibã, lideranças Kaxinawá do Humaitá e Jordão, reunidos com a Dr<sup>a</sup> Deborah Duprat, coordenadora da 6<sup>a</sup> Câmara de Coordenação e Revisão/MPF, e os antropólogos Marco Paulo Schettino e Txai Terri Aquino**

“isolados”. Sugeriram que não se utilizassem os recursos naturais e não transitem nesses trechos, que são praticamente terreiros das malocas dos “isolados”.

4. Emissão, por parte da FUNAI, da portaria de restrição de uso e posterior identificação da nova terra indígena para os povos “isolados” nos altos rios Muru e Tarauacá, proposta pelas lideranças e representantes das associações Kaxinawá e pela coordenação da Frente Envira.
5. Indenizar todos os saques praticados pelos “isolados” nas aldeias indígenas e nas casas de moradores ribeirinhos, mediante ata e referendo dessas comunidades, com listas dos materiais e quantidades claramente especificadas.
6. Dotar as aldeias das terras indígenas compartilhadas com povos “isolados” de aparelhos de radiofonia, orelhões e internet, visando estabelecer um sistema de comunicação eficiente entre os Huni Kuí/Kaxinawá do Humaitá e Jordão, bem como entre os Ashaninka/Kampa e Madijá/Kulina do alto rio Envira, e a Frente Envira e as coordenações regionais da FUNAI do Alto Purus (Rio Branco) e Juruá (Cruzeiro do Sul).
7. Convidar lideranças e representantes Huni Kuí, Ashaninka e Madijá para participar de sobrevoos e incursões terrestres promovidos pela Frente Envira para monitorar as áreas de habitação e de uso dos “isolados”, principalmente naqueles realizados sobre as florestas das terras indígenas por eles compartilhadas.
8. Incluir representantes Huni Kuí, Ashaninka e Madijá nas ações de fiscalização de suas terras indígenas promovidas pela FUNAI e outros órgãos federais e estaduais.
9. Selecionar colaboradores indígenas para trabalharem na Frente Envira de acordo com a Portaria Nº320/PRES, de 27 de março de 2013, “que estabelecem diretrizes e critérios para concessão, execução e controle de pagamento auxílio financeiro pela FUNAI aos indígenas que

participam das ações de proteção e promoção de direitos”.

Para discutir os impactos decorrentes da construção dessa estrada, a Coordenadora da 6<sup>a</sup> Câmara de Coordenação e Revisão, do Ministério Público Federal (Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais), Dr<sup>a</sup> Deborah Duprat, promoveu, em 31 de março de 2014, na sede do órgão em Brasília, reunião com representantes da FUNAI, IBAMA, ICMBio, SPU (Serviço de Patrimônio da União), SEMA (Secretaria Estadual de Meio Ambiente), ITERACRE (Instituto de Terras do Acre), DERACRE (Departamento de Estradas e

Rodagem do Acre), AEPI (Assessoria Extraordinária dos Povos Indígenas), Prefeitura de Jordão e lideranças Huni Kuí das terras Kaxinawá do Humaitá e Jordão.

De acordo com a memória da reunião realizada na sede da 6<sup>a</sup> Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público Federal, em Brasília, “o objetivo da reunião foi a construção do ramal interligando a cidade de Jordão à sede da fazenda seringal Novo Porto, cuja abertura, em conjunto com outros fatores, vem impactando comunidades indígenas no Estado do Acre. Também foram apontadas deficiência no trabalho de fiscalização da Frente Etnoambiental Envira, naquele estado, além de a FUNAI não ter ainda feito a restrição de uso para áreas de índios isolados. O Governo do Acre, por meio da SEMA (Secretaria de Meio Ambiente), apresentou proposta de constituição de um grupo de trabalho. Foram tomadas as seguintes deliberações:

A FUNAI se comprometeu a concluir os trabalhos de identificação de área para índios isolados na região até julho de 2014. A FUNAI também apresentará proposta de atuação no alto rio Muru, em especial sobre as medidas de indenização aos saques que estão ocorrendo.

#### COMPONENTES DO GT

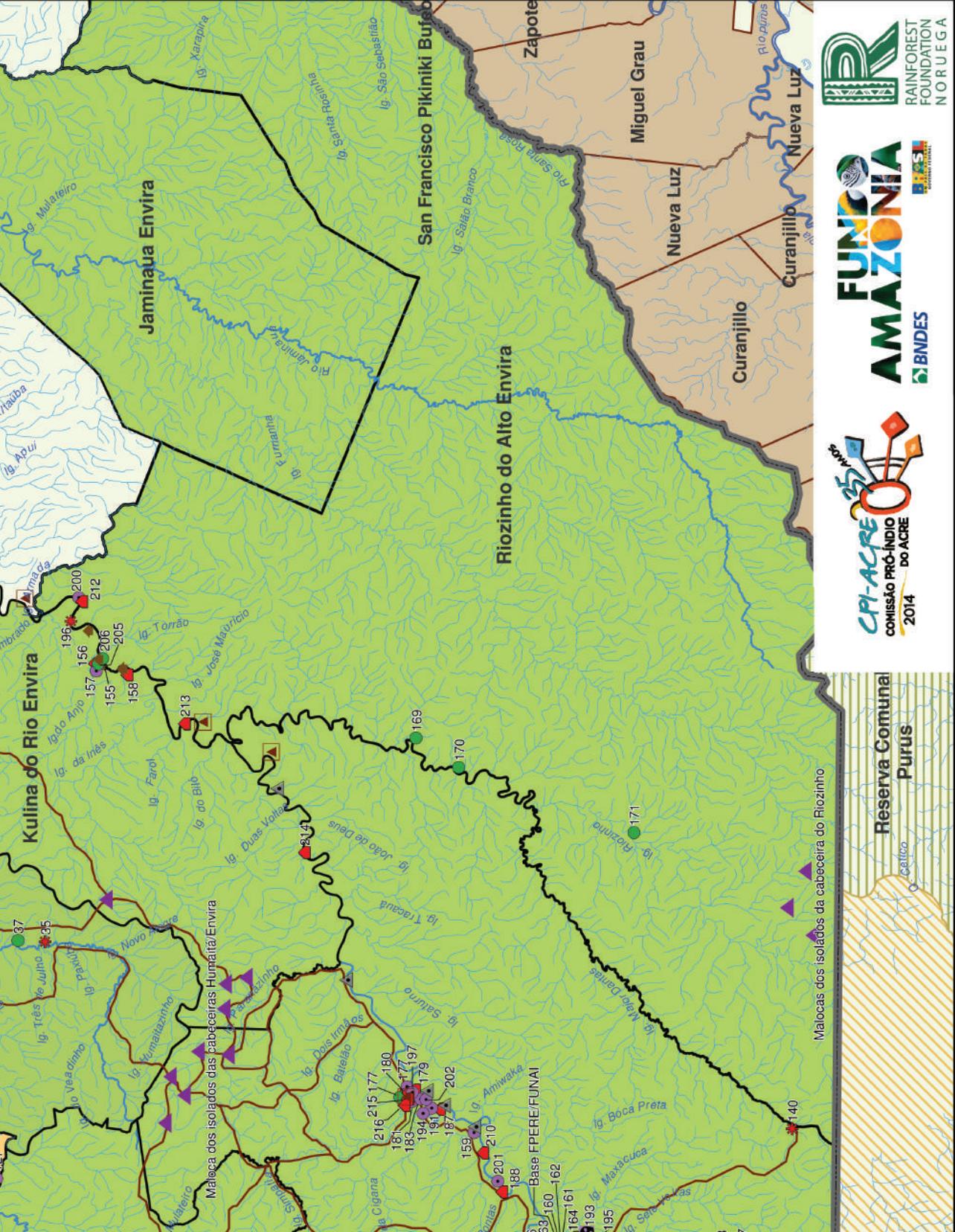
MPF, FUNAI, ICMBio, IBAMA, STU, SEMA, IMAC, DERACRE, ITERACRE, Procuradoria do Estado, Assessoria de Assuntos Indígenas, Prefeitura de Jordão, Associação do Povo Indígena Kaxinawá do Rio Humaitá, Associação dos Povos Indígenas Kaxinawá do Rio Jordão, Associação dos Pequenos Produtores do Alto Rio Muru, Associação dos Trabalhadores Rurais do Jordão, Associação dos Seringueiros e Agricultores da Reserva Extrativista do Alto Rio Tarauacá, Associação dos Agentes Ambientais e Agroflorestais do Acre, Associação de Cultura Indígena do Rio Humaitá e Comissão Pró-Índio do Acre. MEMÓRIA DA REUNIÃO REALIZADA, EM 31 DE MARÇO DE 2014, NA 6<sup>a</sup> CÂMARA DE COORDENAÇÃO E REVISÃO, DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

## Região do Rio Jordão

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
1	Vestígio	Próximo às nascentes do rio Jordão	1985	Rio Jordão	Cabeceira do rio Jordão	Agostinho Manduca Mateus, antiga liderança da aldeia Novo Segredo, quando estava caçando e pescando com seus parentes, encontraram 15 tapiris de isolados, 15 cascos de jabuti e diversos sabugos de milho
2	Vestígio	Cabeceira do Ig. Seringueira	1984	Rio Jordão	Cabeceira do Rio Jordão	Três caçadores da aldeia Novo Segredo, Agostinho Manduca Mateus, Edmar Medeiro e Batista Sabino, encontraram rastros e trilhas de índios isolados nas cabeceiras do Ig. Seringueira
3	Avistamento	Próxima à primeira cachoeira do Ig. Papavô	1985	Rio Jordão	Cabeceira do rio Jordão	Agostinho Manduca Mateus, liderança da aldeia Novo Segredo, quando estava pescando junto com seus parentes, avistaram cerca de oito isolados, entre eles mulheres e crianças
4	Vestígio	Próximo às nascentes do rio Jordão	1985	Rio Jordão	Cabeceira do rio Jordão	Agostinho Manduca Mateus, antiga liderança da aldeia Novo Segredo, encontrou um acampamento grande de isolados numa caçada realizada junto com seus parentes
5	Morte de índio isolado	Igarapé Papavô	1988	Rio Jordão	Cabeceira do rio Jordão	Caçadores Kaxinawá da aldeia Bondoso mataram um índio isolado na foz do Ig. Nawaya, afluente do Ig. Papavô. Os isolados atacaram o acampamento dos caçadores da aldeia Bondoso logo após a morte de seu parente ("Choque do retorno")
6	Vestígio	Próximo à foz do Ig. Papavô	2008	Rio Jordão	Cabeceira do rio Jordão	Francisco Sereno Kaxinawá ouviu índios isolados remedarem nambu, uru e macaco preto nas matas próximas à foz Ig. Papavô. Desconfiou que fossem os "brabos" por causa dos cantos dos bichos imitados fora de hora
7	Saque	Casa do seringueiro Dedé, na colocação Paranã do antigo seringal Revisão	1985	Rio Jordão	Cabeceira do rio Jordão	Mulher do seringueiro branco Dedé foi atingida na cabeça por um tiro de espingarda dado por isolados, e em seguida sua casa foi saqueada pelos mesmos, de onde levaram diversos utensílios domésticos
8	Saque	Casa do Francisco Sabino, liderança da aldeia Novo Segredo na colocação Novo Acre	1984	Rio Jordão	Aldeia Novo Segredo	"Os brabos levaram tudo que tinha nas casas. Não tinha ninguém em casa" (Francisco Sereno, aldeia Paz do Senhor)
9	Saque	Casa do Professor Noberto Sales Tenê	1983	Rio Jordão	Aldeia Novo Segredo	Os "brabos" levaram todas as coisas da casa. Não havia ninguém em casa
10	Avistamento	Próximo à foz do Ig. Fortaleza	2008	Rio Jordão	Cabeceira do rio Jordão	Professor Renato Mateus Kaxinawá e seu filho Rosenir Sabino Mateus, de 11 anos, avistaram 5 isolados durante pescaria realizada acima do Novo Segredo, última aldeia do rio Jordão
11	Saque	Casas de Felizardo Cerqueira Sales Kaxinawá, seus filhos e genro, na colocação Morada Nova	1984	Rio Jordão	Aldeia Novo Segredo	Os isolados saquearam todos os instrumentos de trabalho, utensílios e roupas

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
12	Ataque	Próximo à colocação Porto Lino, do antigo seringal Revisão, atual Novo Segredo	1989	Rio Jordão	Cabeceira do rio Jordão	Adalberto Sereno Kaxinawá foi baleado pelos isolados. Trata-se de outro integrante do grupo de caçadores do Seringal Bondoso que matou um índio isolado em 1988
13	Avistamento	Nas proximidades da aldeia Novo Segredo	2004	Rio Jordão	Cabeceira do rio Jordão	Iris Sabino Kaxinawá, filha da liderança Francisco Sabino, avistou um índio isolado nas proximidades da aldeia. Nesse mesmo local Francisco Durico Sales, 43 anos, liderança da aldeia Flor da floresta, ouviu assobios de "brabos" em 2004
14	Ataque	Próximo à Aldeia Novo Segredo, no Estirão das Meninas	1994	Rio Jordão	Cabeceira do rio Jordão	Os isolados balearam Osvaldo Sereno Kaxinawá, outro integrante do grupo de caçadores da aldeia Bondoso que matou um índio isolado em 1988, no Ig. Papavô.
15	Avistamento	ceira do Ig. Canafista	2008	Rio Jordão	Antigo Seringal Transual, atual Bondoso	Tiago Paulino Sales Kaxinawá avistou um índio isolado próximo ao acampamento de caçada dos Kaxinawá do alto rio Jordão
16	Vestígio	Próximo à foz do Ig. Papavô	2010-9 de Maio	Rio Jordão	Cabeceira do rio Jordão	Grupo de 8 caçadores Kaxinawá das aldeias Nova Empresa, Flor da Floresta e Nova Aliança ouviram 6 tiros de espingardas supostamente atribuídos aos isolados. Sertanista Meirelles suspeita que possam ser madeireiros peruanos, no outro lado da fronteira
17	Vestígio	Próximo à Aldeia Novo Segredo, no Estirão das Meninas	2004	Rio Jordão	Cabeceira do rio Jordão	Francisco Durico Sales, liderança kaxinawá da aldeia Flor da Floresta, ouviu assobios de índios isolados
18	Vestígio	Casa de Raimundo Estevão Kaxinawá	2 de setembro 2012	Rio Jordão	Aldeia Novo Segredo	Raimundo Estevão Kaxinawá escutou fogo em uma moita de banana perto de casa, foi apagar o fogo e avistou os rastros dos isolados
19	Vestígio	Antiga Colocação Araçá, perto da aldeia Novo Segredo	Agosto de 2013	Rio Jordão	Antiga Colocação Araçá	Cesar Sereno foi tirar madeira para fazer casa e escutou 'assopro' de nambu galinha, nambu relógio e nambu azul e voltou para sua casa sem tirar a madeira
20	Vestígio	Acima do Ig. Papa-Avô	Julho de 2013	Rio Jordão	Igarapé Papa-Avô	Renato Mateus e mais três kaxinawá foram caçar e ouviram vários tiros de espingarda, acima de onde eles estavam, e daí eles voltaram.
21	Vestígio	Igarapé Grande, cabeceiras do Rio Jordão	Julho de 2013	Rio Jordão	Igarapé Grande	Um grupo de kaxinawá foi caçar nas cabeceiras do Rio Jordão e ouviram arremedos de macaco, nambu azul e nambu galinha, todos em um só local, dali mesmo voltaram.
22	Vestígio	Antiga sede do Seringal Revisão	Março de 2012	Rio Jordão	Sede Seringal Revisão	Tuim, Haru e Pedro Sales estavam lá e ouviram nambu azul, nambu galinha e macucau. Daí mesmo eles voltaram.
23	Avistamento	Porto da aldeia Novo Segredo	17 de agosto de 2013	Rio Jordão	Aldeia Novo Segredo	As mulheres estavam lavando utensílios domésticos no rio e avistaram dois 'brabos' com arco e flecha nas mãos, pintados de urucum e com sintas de envira. Informação da filha de Roseno Txanu.





RAINFORST  
FOUNDATION  
NORUEGA



Reserva Comunal  
Purus

Malocas dos isolados da cabeceira do Riozinho

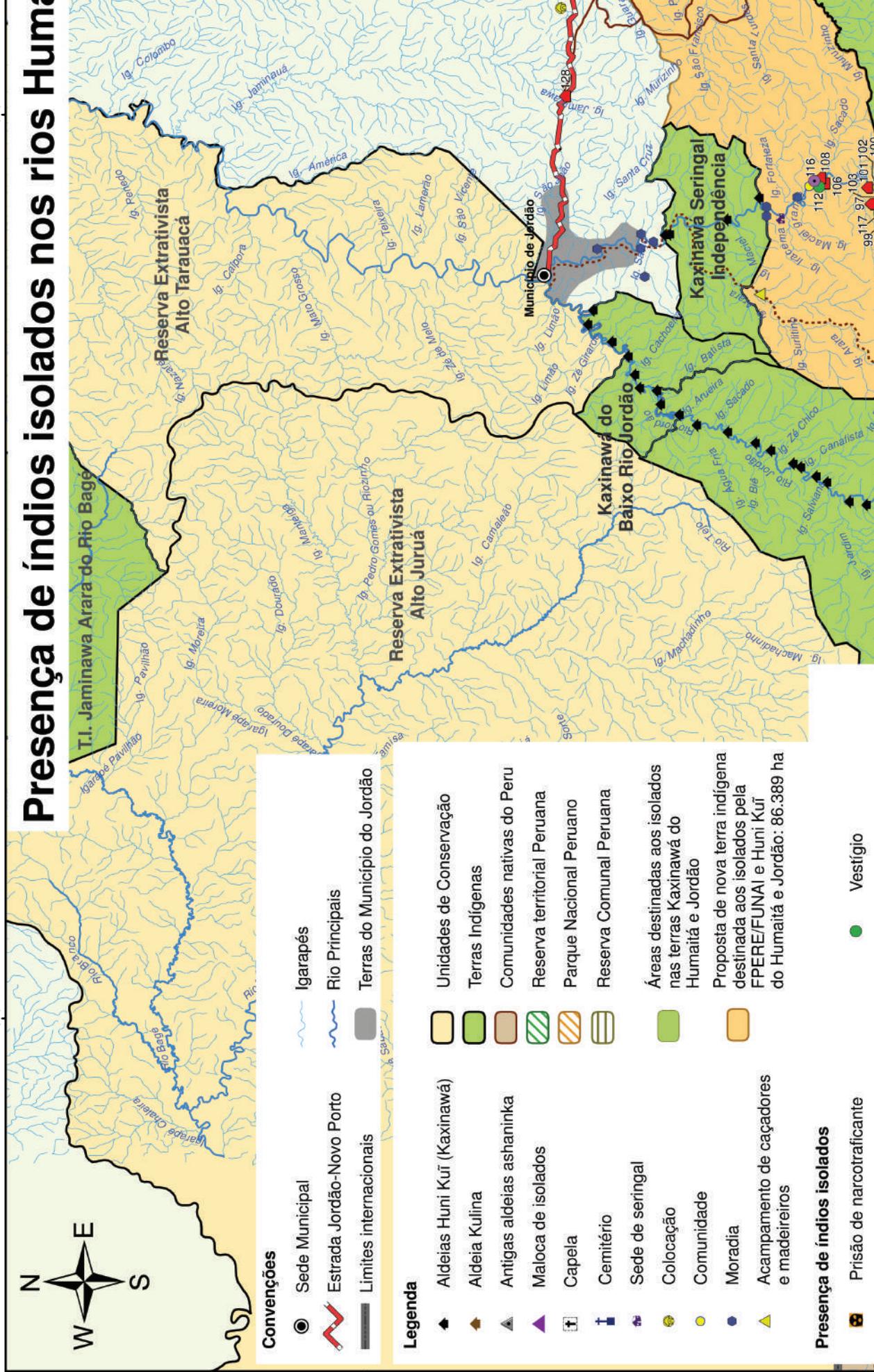
71°10'0"W

72°30'0"W

71°50'0"W



# Presença de índios isolados nos rios Humaitá



## Convenções

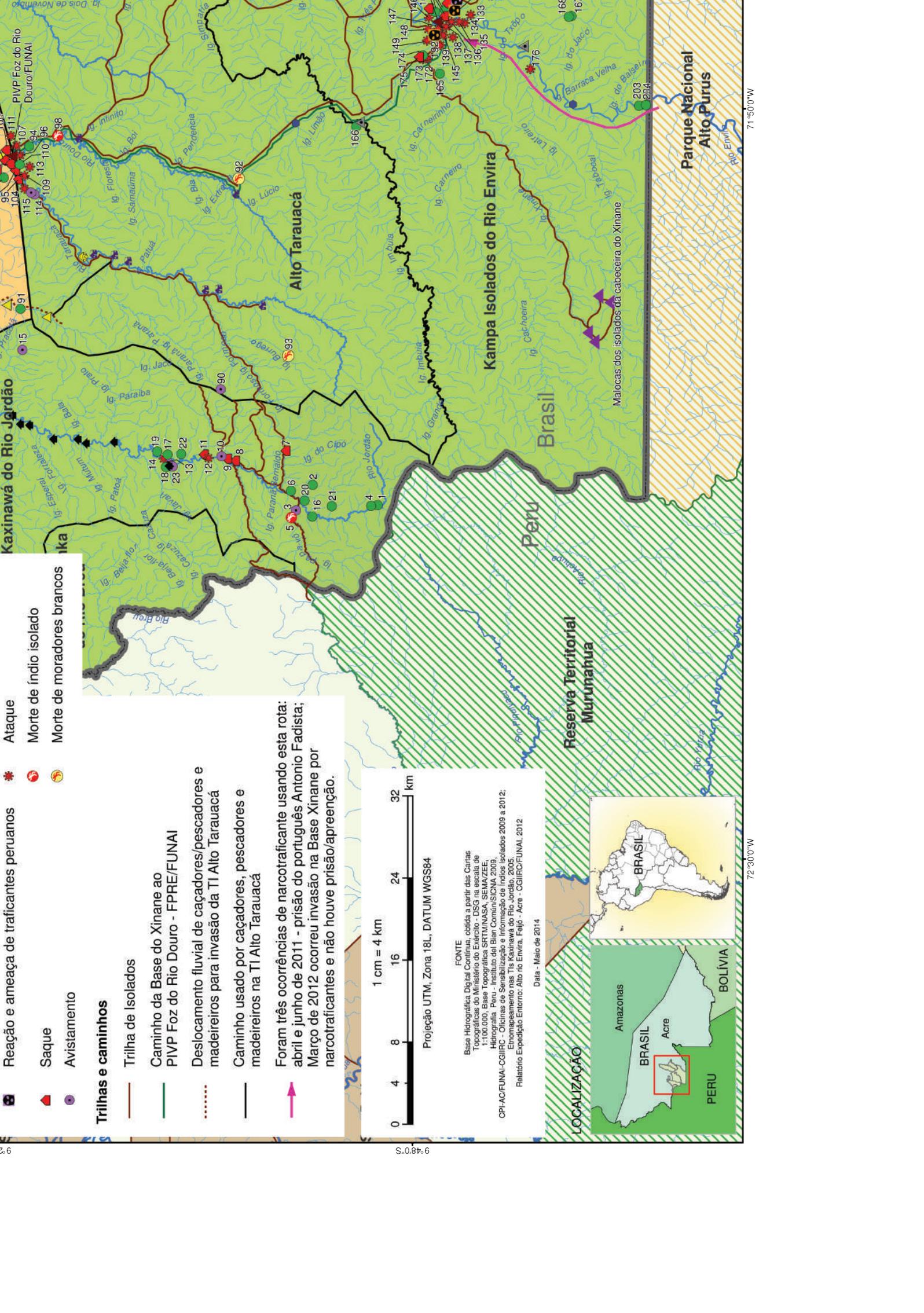
- Sede Municipal
- Estrada Jordão-Novo Porto
- Igarapés
- Rio Principais
- Limites internacionais
- Terras do Município de Jordão

## Legenda

- Aldeias Huni Kuĩ (Kaxinawá)
- Aldeia Kulina
- Antigas aldeias ashaninka
- Maloca de isolados
- Capela
- Cemitério
- Sede de seringal
- Colocação
- Comunidade
- Moradia
- Acampamento de caçadores e madeireiros
- Unidades de Conservação
- Terras Indígenas
- Comunidades nativas do Peru
- Reserva territorial Peruana
- Parque Nacional Peruano
- Reserva Comunal Peruana
- Áreas destinadas aos isolados nas terras Kaxinawá do Humaitá e Jordão
- Proposta de nova terra indígena destinada aos isolados pela FPERE/FUNAI e Huni Kuĩ do Humaitá e Jordão: 86.389 ha

## Presença de índios isolados

- Prisão de narcotraficante
- Vestígio



- Reação e ameaça de traficantes peruanos
- Saque
- Avistamento
- Ataque
- Morte de índio isolado
- Morte de moradores brancos

**Trilhas e caminhos**

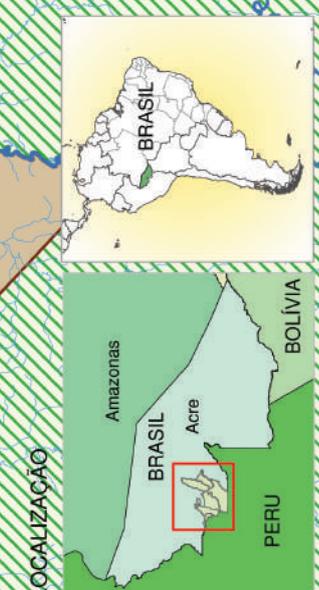
- Trilha de Isolados
- Caminho da Base do Xinane ao PIVP Foz do Rio Dourado - FPPE/FUNAI
- Deslocamento fluvial de caçadores/pescadores e madeiros para invasão da TI Alto Tarauacá
- Caminho usado por caçadores, pescadores e madeiros na TI Alto Tarauacá

Foram três ocorrências de narcotráficante usando esta rota: abril e junho de 2011 - prisão do português Antonio Fadista; Março de 2012 ocorreu invasão na Base Xinane por narcotraficantes e não houve prisão/apreensão.



**FONTE**  
 Base Hidrográfica Digital Continua, obtida a partir das Cartas Topográficas do Ministério do Exército - DSG na escala de 1:100.000, Base Topográfica SRTM/ANSA, SEMAZEE, Hidrografia Peru - Instituto del Bien Común/SICNA 2009, OPI-AC/FUNAI-CGIIIRC - Oficinas de Sersibilização e Informação de Índios Isolados 2009 a 2012; Etnomapeamento nas TIs Xaxinawa do Rio Jordão, 2005; Relatório Expedição Entorno: Alto do Envia, Feijó - Acre - CGIIIRC/FUNAI, 2012

Data - Maio de 2014



72°30'0"W

71°50'0"W

## Região do Rio Iboiaçu

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
24	Avistamento	Seringal São José, Colocação Idílio	2009-Junho	Rio Iboiaçu	Alto rio Iboiaçu	O seringueiro Sebastião Lucena (Nego Estevão) avistou índio "brabo" de cabelo comprido, na mata próxima dessa colocação
25	Saque	Casa do seringueiro Hélio Rego	1997	Rio Iboiaçu	Seringal São José, Colocação Bom Futuro	Levaram todas as coisas que havia dentro de casa
26	Saque	Casa do Chagas Félix, saqueada pelos isolados	2008	Rio Iboiaçu	Colocação Toaiá	Igarapé Toaiá, afluyente
27	Saque	Casa do seringueiro Zé Uru	2005	Rio Iboiaçu	Seringal São João	Primeiro saque ocorrido na casa desse seringueiro, onde os isolados levaram todas as coisas que havia dentro da casa, deixando ele e sua família sem quase nada
28	Saque	Casa do seringueiro Zé Uru	2007	Rio Iboiaçu	Seringal São João	Índios isolados levaram todas as coisas da casa desse seringueiro, deixando ele e sua família apenas com a roupa do corpo
29	Saque	Colocação Pirangi, casa do seu Ismael	15 de Setembro 2012	Rio Iboiaçu	Seringal Repouso	Casa do seu Ismael, Colocação Pirangi, Seringal Repouso, saqueado pelos brabos
30	Avistamento	Colocação Laranjeira, casa de André de Lima	Agosto de 2012	Rio Iboiaçu	Seringal Repouso	Marcos André de Lima avistou de sua casa 4 índios isolados às 5 hs da manhã, com paus nas mãos tentando se defender dos cachorros
31	Saque	Colocação Estirão da Hora, Casa de Helio Lopes da Silva Rego	19 de outubro 2012	Rio Iboiaçu	Seringal Repouso	Os brabos queimaram a casa de farinha, arrancaram roça e encontraram vários rastros dos índios brabos. Escutaram também arremedarem aves como uru, nambú azul, nambú galinha, macucal, e outros
32	Avistamento	Colocação Douro, casa de Raimundo Martins	21 de outubro 2012	Rio Iboiaçu	Seringal Repouso	Os brabos apareceram na casa de seu Raimundo, que estava ausente. Sua mulher, Maria Eneas das Graças viu dois índios brabos e desmaiou. Os cachorros acuraram os brabos que correram pra mata
33	Saque	Casa do Jura, Colocação Cala-Boca, Seringal Repouso	10 de Junho 2010	Rio Iboiaçu	Seringal Repouso (Colocação Cala-Boca)	Não havia ninguém em casa e os brabos levaram todas as ferramentas de metal (teçados, machados e facas), roupas, redes, cobertores e panelas de alumínio. Os moradores ficaram somente com a roupa do corpo.

## Região do Rio Humaitá

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
34	Ataque	3 canoas com cerca de 12 índios Kaxinawá foram flechados pelos isolados	2009	Rio Humaitá	Próximo à foz do Ig. São Bernaldo	Após receberem 4 flechadas dos isolados, os Kaxinawá encostaram seus barcos, atiraram para cima e correram atrás dos isolados, encontrando apenas acampamentos e restos de comida

<b>Nº</b>	<b>CATEGORIA</b>	<b>ONDE OCORREU</b>	<b>DATA</b>	<b>LOCAL</b>	<b>LOCALIDADE</b>	<b>OCORRÊNCIA</b>
35	Ataque	Antônio Lopes Kaxinawá, Manoel Mateus Kaxinawá e Valcenir Mateus Kaxinawá, da aldeia Boa Sorte, e José Alfredo Kaxinawá, Valdesmar Mateus Kaxinawá e Aldemir Mateus Kaxinawá da aldeia Novo Futuro	2009- 30 de dezembro	Rio Humaitá	Acampamento kaxinawá	“Os brabos jogaram 8 flechadas na gente, 4 flechas no poço do jaú, no nosso acampamento e as outras 4 no Estirão das Cachoeiras. Quatro horas acima da grande cachoeira da Proa de Lancha” (Antonio Lopes Kaxinawá, AAFI da Aldeia Boa Sorte)
36	Ataque	Dois pescadores Kaxinawá, Francisco de Assis Marques e Francisco das Chagas Sabóia, foram flechados pelos isolados	2008-Abril	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	Receberam 6 flechadas dos isolados, próximo à foz do Ig. Maronal, quando voltavam de pescaria de jacaré para a semana santa
37	Vestígio	Próximo à foz do Igarapé Cará, afluente da margem direita do alto rio Humaitá	2008-Abril	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	Foram encontrados inúmeros rastros, um tapiri e restos de comida no poço da cachoeira (Adegilson Sabóia Kaxinawá, AIS da aldeia São Vicente)
38	Vestígio	Poço do Apertado Novo, situado três voltas acima da foz do Ig. Carapateira	2008	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	Foram encontrados diversos rastros de índios isolados, restos de comida e pendões de tacanas para confecção de flechas (Adegilson Sabóia Kaxinawá, aldeia São Vicente)
39	Vestígio	Foz do Ig. Boa Esperança	Sem registro de data	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	“Quando a gente andava caçando, encontramos rastros, um tapiri e restos de comida (milho, macaxeira, cascos de tracajá e jabuti, fatos de jacarés e escamas de peixe)”. (Adegilson Sabóia Kaxinawá, AIS da aldeia São Vicente)
40	Vestígio	Próximo à foz do Ig. Três Cantos	Sem registro de data	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	“Quando a gente andava caçando e pescando ali perto da boca do Ig. Três cantos, encontramos muitos rastros dos brabos, um tapiri e restos de comida” (Adegilson Sabóia Kaxinawá, AIS da Aldeia São Vicente)
41	Vestígio	Próximo à foz do Ig. Cuma	Sem registro de data	Rio Humaitá	Médio curso do rio Humaitá	“Mariscando mais os meninos nos poços do rio, encontramos um tapiri e 7 camas usados pelos brabos. E ainda encontramos restos de comida, cascos de 3 jabutis, palhas de jarina usadas como cama” (Adegilson Sabóia Kaxinawá, AIS da aldeia São Vicente)
42	Vestígio	Próximo à foz do Ig. Pau Furado, entre as duas últimas aldeias, São Vicente e Novo Futuro	Sem registro de data	Rio Humaitá	Médio curso do rio Humaitá	“Quando a gente andava pescando, encontramos rastros de brabos descendo o barranco do rio Humaitá, próximo à boca do Ig. Pau Furado” (Adegilson Sabóia Kaxinawá, AIS da aldeia São Vicente).
43	Vestígio	Próximo à aldeia São Vicente	Sem registro de data	Rio Humaitá	Médio curso do rio Humaitá	“Quando a gente andava mariscando no rio, encontramos vários rastros de brabos e um tipo de sinal, feita com dois paus cruzados, que indica uma tapagem” (Adegilson Sabóia Kaxinawá, AIS da aldeia São Vicente)

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
44	Vestígio	Próximo a foz do Ig. Cigana, afluente da margem esquerda do rio Humaitá	2005	Rio Humaitá	Médio curso do rio Humaitá	Foram encontrados diversos rastros de índios isolados subindo o barranco de frente à foz do Ig. Cigana (Edison Frota, aldeia Boa Vista)
45	Vestígio	Próximo à foz do Ig. Maronal	2008-Fevereiro	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	Foram encontrados um tapiri usado por cerca de 8 índios isolados, restos de comida (macaxeira, casco de jabuti e cascas de banana) e ainda pendões de tacana para confecção de flechas (Ninawá, aldeia Novo Futuro)
46	Vestígio	Nas matas próximas ao Novo Futuro, última aldeia Kaxinawá do rio Humaitá	2009	Rio Humaitá	Próximo à aldeia Novo Futuro	“Encontramos rastros e ouvidos os brabos remedarem nambu, uru, macaco prego e outros cantos de animais. Isso acontece toda época de verão, perto de nossas casa e roçados” (Ninawá, aldeia Novo Futuro)
47	Vestígio	Poço do Lobão, próximo à foz do Ig. Tariá, afluente da margem esquerda do alto rio Humaitá	2003	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	Foram encontrados rastros recentes de três índios isolados e ouvidos imitações de macaco-prego, nambu, uru, jacamim, zogue-zogue e outros (Chico Bâyma, aldeia Boa Vista)
48	Vestígio	Cabeceira do Ig. Chico Branco, afluente da margem direita do baixo rio Humaitá	2005-Agosto	Rio Humaitá	Colocação Chico Branco, do antigo ser. Boa Vista	Caçadores da aldeia Boa Vista encontraram diversos rastros de índios isolados nas cabeceiras do Ig. Chico Branco. “Aqui e acolá eles pesquisam a gente” (Chico Bâyma Kaxinawá, aldeia Boa Vista)
49	Vestígio	Vigilante (antiga Porto Brasil), primeira aldeia da TI Kaxinawá do Rio Humaitá	2005-Junho	Rio Humaitá	Próximo à foz do rio Humaitá com o rio Muru	Mulher Kaxinawá lavando roupa no rio, ouviu barulhos de índios isolados. No local foram encontrados rastros e camas usados por esses índios. “Os brabos fugiram pelo Sororocal”. (Batista Kaxinawá, aldeia Vigilante)
50	Vestígio	Aldeia São Vicente	1995	Rio Humaitá	Penúltima aldeia Kaxinawá, do rio Humaitá	Os rastros atribuídos aos isolados foram encontrados num bananal próximo à aldeia São Vicente. “Comeram e levaram bananas do nosso roçado” (Francisco Eduardo Macário Kaxinawá)
51	Avistamento	Adegilson Sabóia Kaxinawá avistou índio isolados de cabelo curto, usando uma bermuda, próximo à foz do Ig. Boa Esperança	1982	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	“Quando eu andava caçando no Boa Esperança, vi um brabo de cabelo curto usando uma bermuda, parece que não era esse brabos das cabeceiras do nosso rio” (Adegilson Sabóia Kaxinawá)
52	Avistamento	Próximo à antiga aldeia Ashaninka da foz do Ig. Três Cantos	2003	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	Adegilson Sabóia Kaxinawá, agente de saúde da aldeia São Vicente, avistou alguns índios isolados de cabelo comprido e depilado na frente da cabeça, cuja as malocas estão nas nascentes do rio Humaitá, com águas do rio Envira
53	Avistamento	Poço da Represa, entre os igarapés Tariá e Acaraú	2002	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	Degilson Sabóia Kaxinawá, quando andava pescando no referido poço, avistou alguns índios isolados de cabelo compridos e depilados na frente de suas cabeças

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
54	Avistamento	Poço do Apertado Novo, situado três voltas acima da foz do Ig. Carapateira	2003	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	Seis pescadores Kaxinawá (Antônio Lopes, Nilson Sabóia, Valdeusmar, Manoel Anselmo, Manoel Mateus e Raimundo Nonato) viram um pequeno grupo de isolados numa praia do rio Humaitá, nas proximidades desse poço
55	Saque	Tapiri de pescaria dos Kaxinawá, próximo ao poço ao poço do Lobão	1988-Julho	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	"Levaram todas as coisas que deixamos no tapiri do nosso acampamento". (Francisco Bâyma Kaxinawá)
56	Saque	Casa do José Sabóia Kaxinawá	1998	Rio Humaitá	Antiga aldeia da Colocação Laranjeiras	"Os brabos levaram tudo o que tinha na minha casa. Ficamos sem nada, só com a roupa do corpo" (José Sabóia Kaxinawá)
57	Saque	Casa do Aldo Paulino Kaxinawá na antiga aldeia Sete Volta	1983	Rio Humaitá	Médio curso do rio Humaitá	"Levaram tudo que havia dentro da casa. Só ficamos com a roupa do corpo" (Aldo Paulino Kaxinawá)
58	Saque	Casa de família Kaxinawá na antiga aldeia São Luiz	2003	Rio Humaitá	Antigo seringal São Luiz	Levaram tudo que havia dentro da casa
59	Saque	Casa do Assis de Oliveira Kaxinawa	2008-Junho	Rio Humaitá	Aldeia Novo Futuro	"Os brabos levaram tudo que a gente tinha dentro de casa" (Assis de Oliveira Kaxinawá, aldeia Novo Futuro)
60	Saque	Antiga aldeia ashaninka do Boa Esperança	1987	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	Abandonada logo depois por causa deste saque realizado pelos isolados. "Deixaram a gente sem quase nada dentro de casa, levaram tudo, por isso mudamos dessa aldeia" (Neca Ashaninka)
61	Saque	Antiga aldeia ashaninka do Três Cantos	1986	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	Abandonada logo depois por causa deste saque realizado pelos isolados. "Foi a terceira vez que roubaram todas as nossas coisas, ficamos novamente sem nada em casa. Fomos embora para o Envira e depois aqui pro Primavera" (Neca Ashaninka)
62	Saque	Antiga aldeia Ashaninka da Foz do Ig. São Bernaldo	1989	Rio Humaitá	Cabeceira do rio Humaitá	Abandonada logo depois por causa deste saque realizado pelos isolados
63	Avistamento	Próximo a Aldeia Vigilante	07-Junho-2010	Rio Humaitá	Próximo a Aldeia Vigilante	Crianças da Aldeia Vigilante avistaram 04 índios brabos. No estirão do Rio Humaitá próximo a esta aldeia.
64	Avistamento	Proximidade da Aldeia Boa Sorte	15- Setembro - 2010	Rio Humaitá	Proximidade da Aldeia Boa Sorte	Avistamento de vários índios brabos pelos moradores da Aldeia Boa Sorte.
65	Vestígio	Proximidade da Aldeia São Vicente	Jullho de 2010	Rio Humaitá	Proximidade da Aldeia São Vicente	Moradores de São Vicente encontraram varios vestígios de brabos nas proximidades de sua aldeia; ouviram também os brabos remedando varios cantos de diferentes tipos de nambu, matucal, uru e tucano; este ultimo rarammente canta à noite.
66	Avistamento	Antiga Colocação Sacado	20- Setembro - 2010	Rio Humaitá	Seringal São Luiz	Aldo Paulino, Felipe, São Augusto Botoza e Josemar Paulino, moradores da Aldeia São Vicente, avistaram 07 índios brabos.

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
67	Avistamento	Proximidade da Aldeia São Vicente	Setembro de 2010	Rio Humaitá	Proximidade da Aldeia São Vicente	Sileide Paulino da Silva e Josimar Paulino Kaxinawá, moradores da Aldeia São Vicente, avistaram 06 índios brabos correndo no aceiro do campo de suas casas.
68	Vestígio	Próximidade da Aldeia Novo Futuro	07-Jun-2010	Rio Humaitá	Próximo a Aldeia Novo Futuro	Moradores da aldeia Novo Futuro, encontraram vários rastros de brabos no seus roçados de terra firme e de praia, onde eles coletaram mamão, macaxeira, banana, amendoim e melância; ouviram também os brabos imitando vários tipos de aves e macacos da mata.
69	Vestígio	Proximidade da foz do Ig. Queixada, no Alto Rio Humaitá	15-Dez-2010	Rio Humaitá	Proximidade da foz do Ig. Queixada	Assis Oliveira, José Macambira, Valdesmar Matheus e Jaime Frota kaxinawá, moradores da Aldeia Novo Futuro, encontraram vários vestígios de brabos (cama, resto de fogo, moquem, pera de palha de aricori e rastros). Durante a caçada.
70	Vestígio	Nas proximidades da foz do Ig. Três Cantos no Alto Rio Humaitá	15-Dez-2010	Rio Humaitá	Nas proximidades da foz do Ig. Três Cantos no Alt*	Assis Oliveira, José Macambira, Valdesmar Matheus e Jaime Frota kaxinawá, moradores da Aldeia Novo Futuro, ouviram assovios gritos e barulho provocados por índios brabos.
71	Vestígio	Proximidade da foz do Ig. Kenê	10-Ago-2010	Rio Humaitá	Proximidade da foz do Ig. Kenê	O pagé Jesus Sabóia e seu filho Francisco das Chagas Sabóia, Romildo Sabóia e Francisco de Assis Marques, moradores da Aldeia São Vicente, ouviram asopros, barulhos e correrias de vários índios brabos
72	Vestígio	Proximidade da Aldeia São Vicente	Agosto de 2010	Rio Humaitá	Proximidade da Aldeia São Vicente	Moradores de São Vicente encontraram varios vestígios de brabos nas proximidades de sua aldeia; ouviram também os brabos remedando varios cantos de diferentes tipos de nambu, matucal, uru e tucano; este ultimo rarammente canta à noite.
73	Vestígio	Proximidade da Aldeia São Vicente	Setembro de 2010	Rio Humaitá	Proximidade da Aldeia São Vicente	Moradores de São Vicente encontraram varios vestígios de brabos nas proximidades de sua aldeia; ouviram também os brabos remedando varios cantos de diferentes tipos de nambu, matucal, uru e tucano; este ultimo rarammente canta à noite.
74	Vestígio	Próximidade da Aldeia Novo Futuro	30-Set-2010	Rio Humaitá	Próximo a Aldeia Novo Futuro	Moradores da aldeia Novo Futuro, encontraram vários rastros de brabos no seus roçados de terra firme e de praia, onde eles coletaram mamão, macaxeira, banana, amendoim e melância; ouviram também os brabos imitando vários tipos de aves e macacos da mata.
75	Avistamento	Aldeia Boa Vista	Agosto de 2012	Rio Humaitá	Aldeia Boa Vista	Avistamento de 3 índios brabos no roçado de Nildo Oliveira da Silva, filho de Chico Bayma. Ainda jogou rebolo no Paulo, um kaxi de 22 anos. Houve troca de gritos e os brabos correram pela mata

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
76	Avistamento	Aldeia Boa Vista	Verão - 2011	Rio Humaitá	Aldeia Boa Vista	Dois avistamento na aldeia boa vista no verão de 2011. Dona Océlia Oliveira da Silva avistou dois grupos de índios brabos perto de sua casa
77	Saque	Aldeia Novo Futuro	Setembro de 2012	Rio Humaitá	Aldeia Novo Futuro	Os brabos arrancaram macaxeira no roçado do Valmir Mateus da Silva, professor da Aldeia Novo Futuro
78	Saque	Morada de Francisco das Chagas Sabóia	7 de setembro 2012	Rio Humaitá	Colocação Mostra ou Uite	Escutou os brabos assoviando ao lado de sua casa. Os cachorros também sentiram a presença dos brabos, latiram muito. E três dias depois roubaram na casa do Ninawá da Aldeia Novo Futuro.
79	Vestígio	Casa de Francisco de Assis Marques	Setembro de 2012	Rio Humaitá	Aldeia São Vicente	Ouviram os assovios dos brabos e vira as covas de roças que arrancaram do roçado
80	Vestígio	Colocação Mae Xinã Bena Mukaya	Agosto de 2011	Rio Humaitá	Aldeia São Vicente	Os brabos tiraram macaxeira, banana, mamão, cana do roçado de José Sabóia
81	Avistamento	Aldeia Vigilante	20 de Agosto 2012	Rio Humaitá	Aldeia Vigilante	Jaciene Macambira, 14 anos, avistou do porto da aldeia um índio brabo no outro lado do rio
82	Vestígio	Aldeia Vigilantes	Junho de 2011	Rio Humaitá	Aldeia Vigilante	Foram encontrados rastros de brabos e uma tapagem de folhas de jarina no caminho da Aldeia Vigilante até a casa de José Sabóia Viana Bandeira
83	Avistamento	Aldeia Boa Sorte	Junho de 2010	Rio Humaitá	Aldeia Boa Sorte	Maria Diná, mulher kaxinawá da aldeia Boa Sorte, avistou dois índios brabos em frente à sua aldeia, no outro lado do rio
84	Vestígio	Acima da aldeia Novo Futuro	Setembro de 2012	Rio Humaitá	Antiga Colocação Laranjeiras	Seu Chico Bayama foi pescar nas cabeiras do Humaitá e avistou muitos rastros de brabos na praia, próxima a antiga colocação Laranjeiras
85	Saque	Casa de Francisco de Assis Mateus de Lima, Ninawá	10 de setembro 2012	Rio Humaitá	Aldeia Novo Futuro	Na casa do professor e pajé da aldeia Novo Futuro estava viajando para Curitiba-PR. Na noite anterior, enquanto tomavam cipó na aldeia, ouviram os brabos remedarem nambu azul, nambu galinha, uru, jacamim
86	Vestígio	Igarapé Três Cantos	Fevereiro de 2013	Rio Humaitá	Igarapé Três Cantos	Zé Augusto, Aldenildo, Adelson e Josemir avistaram um acampamento de caçada de 'brabos', nele tinha 4 cascos de jabutis assados, o tapirí era coberto de palha de ouricuri, e chão forrado com jarina
87	Vestígio	Perto do Ig. Cemitério	Julho de 2013	Rio Humaitá	Igarapé Cemitério	Antonio Lopes, Edson Frota, Aldenir, Jailson, Alexandre e Francisco, foram caçar e ouviram a carreira dos brabos. Saíram correndo imitando macaco prego, urú e nambu.
88	Avistamento	Casa de Francisco de Assis	18 de agosto 2011	Rio Humaitá	Aldeia São Vicente	Paulo Kaxinawá estava voltando do roçado, chegando perto de casa viu 3 'brabos' com cabelo grande tirando a roupa do varau, ele gritou e os brabos saíram correndo, deixando a roupa no aceiro da mata.
89	Vestígio	Acima da Aldeia Novo Futuro	Julho de 2013	Rio Humaitá	Aldeia São Vicente	Aldenos Kaxinawá, viu rastros atravessando o rio Humaitá, onde entraram na mata deixando uma tapagem.

## Região do Alto Rio Tarauacá

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
90	Avistamento	Cabeceira do Ig. Paranã, afluente da margem esquerda do alto rio Tarauacá	2006	Alto Rio Tarauacá	Cabeceira do Igarapé Paranã	Raimundo Estevão Kaxinawá, morador da antiga aldeia Novo Segredo, andava caçando nas cabeceiras do Ig. Paranã, quando avistou um índio isolado
91	Vestígio	Acampamento temporário de caçadores kaxinawá da aldeia Novo Natal, na TI Kaxinawá do Rio Jordão	2009	Alto Rio Tarauacá	Cabeceira do Rio Arara	Os caçadores citados são Edinaldo Macário, liderança da aldeia Natal, dois de seus filhos e um genro. Ouviram índios isolados "remedar" cantos de nambu, uru e macaco prego. Segundo eles, "macaco prego não canta de noite"
92	Morte de moradores brancos	Alto rio Douro, afluente da margem direita do alto rio Tarauacá	1997-8 de setembro	Alto Rio Tarauacá	Seringal Alegria	Domingos Neves de Souza, 34 anos, filho de Otávio Melo, proprietário do Seringal Alegria, foi morto por duas flechadas, nas proximidades da sede deste seringal. Logo depois, as casas dos moradores da sede do Alegria foram sitiadas pelos "brabos"
93	Morte de moradores brancos	Maria das Dores de Oliveira Garcia de Oliveira, 47 anos, e sua filha Aldeniza de Oliveira Rocha, 13 anos	1996-28 de Maio	Alto Rio Tarauacá	Seringal São Paulo, colocação Tabocal	Aldeniza foi atingida por várias flechadas, uma delas na garganta, morrendo três dias depois no local. Maria das Dores, foi ferida por uma flechada no abdome vindo a falecer mais de dois meses depois no Hospital Geral das Clínicas de Rio Branco
94	Vestígio	Foz do rio Douro, afluente da margem direita do alto rio Tarauacá	2009 Novembro	Alto Rio Tarauacá	Próximo ao PIVP da Foz do Rio Douro/ FUNAI	Foi encontrada uma balsa de paco-paco (algodoeiro brabo) supostamente confeccionada por índios isolados. O sertanista Meirelles ficou surpreso dos isolados usarem balsas para se deslocarem no inverno
95	Saque	Oficina, depósito e casa de farinha do PIVP Foz do Rio Douro	2009 dezembro	Alto Rio Tarauacá	PIVP Foz do Rio Douro	Levaram baldes de alumínio, terçados, panelas e roupas do paiol e oficina do PIVP Foz do Rio Douro. Tentativa de arrombamento da casa do Posto e encontrado balsa de paco-paco no alto rio Tarauacá, nas proximidades do Posto
96	Ataque	Próximo a casa principal do PIVP Foz do Rio Douro	2008 (verão)	Alto Rio Tarauacá	PIVP Foz do Rio Douro	Auxiliar de sertanista, Paula Meirelles foi flechada por isolados no Posto Indígena de Vigilância e Proteção da Foz do Rio Douro
97	Saque	Casa do Sebastiana Oliveira	2006	Alto Rio Tarauacá	Comunidade do Douro	Levaram todas as coisas da casa
98	Morte de índio isolado	Nas proximidades da sede do antigo Seringal Cachoeira, no rio Douro, afluente da margem direita do alto rio Tarauacá	2000	Alto Rio Tarauacá	Seringal Cachoeira	Caçadores e pequenos madeireiros da cidade de Jordão, foram responsabilizados pela execução desse crime, conforme processo criminal nº 2815/2002
99	Saque	Casa de Francisco dos Santos	2007 / 2008	Alto Rio Tarauacá	Comunidade do Douro	Levaram farinha, panela, roupa, camburão de plástico
100	Saque	Casa do Edvaldo Paulino "Pela"	2005	Alto Rio Tarauacá	Comunidade do Douro	Em ambas as situações levaram tudo que tinha dentro de sua casa. "Eu e minha família ficamos só com a roupa do corpo" (Pela)

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
101	Saque	Casa de um morador não-índio do entorno da TI Alto Tarauacá	2009 Setembro	Alto Rio Tarauacá	Comunidade do Douro	Isolados levaram todas as coisas de valor que havia dentro dessa casa
102	Saque	Casa de um morador branco da comunidade do D'ouro	Maio de 2011	Alto Rio Tarauacá	Comunidade do Douro	Uma casa foi saqueada pelos isolados (na mesma data da ocorrência de saque da informação anterior)
103	Saque	Casa de um morador branco da comunidade do D'ouro	Maio de 2011	Alto Rio Tarauacá	Comunidade do Douro	Uma casa foi saqueada pelos isolados
104	Ataque	Próximo à Base do D'ouro	Abril de 2011	Alto Rio Tarauacá		Ataque ao trabalhador Posto do D'ouro e morte de dois cachorros em caçada
105	Saque	Casa do Edvaldo Paulino "Pela"	2008	Alto Rio Tarauacá	Comunidade do Douro	Em ambas as situações levaram tudo que tinha dentro de sua casa. "Eu e minha família ficamos só com a roupa do corpo" (Pela)
106	Saque	Colocação Remanso	Maio de 2011	Alto Rio Tarauacá	Logo abaixo da sede da comunidade do Douro	Saque praticado por isolado, na casa de um morador branco, do antigo seringal Douro, levando todas as coisas que havia nessa casa. Os moradores da casa ficaram "só com a roupa do corpo".
107	Ataque	Casa do Posto de Vigilância da Foz do Rio Douro	Abril de 2011	Alto Rio Tarauacá	Posto de Vigilância da Foz do Rio Douro	Índios isolados flecharam o Edi, trabalhador da FPPE, onde mataram um cachorro a flechada. Edi estranhou o tamanho das flechas usadas pelos isolados naquela ocasião, que eram bem menores do que outras flechas dos brabos já encontradas em outras ocasiões
108	Saque	Colocação Remanso	Maio de 2011	Alto Rio Tarauacá	Logo abaixo da sede da comunidade do Douro	Saque praticado por isolado, na casa de outro morador branco, do antigo seringal Douro, levando todas as coisas que havia nessa casa. Os moradores da casa ficaram "só com a roupa do corpo".
109	Ataque	Próximo à Base do D'ouro	Abril de 2011	Alto Rio Tarauacá		Novamente, Edi foi atacado a flechadas pelo isolados enquanto caçava nas matas das proximidades da sede do Posto de Vigilância da Foz do Rio Douro, na TI Alto Tarauacá, ocasião em que mataram dois cachorros do Posto
110	Vestígio	Base do Rio Douro	Junho de 2011	Alto Rio Tarauacá	Base do Rio Douro	Edimar falou que os isolados passaram a noite na casa de farinha, ao lado da base, jogando 'rebolo' em cima da casa, chegando a furar a cobertura de alumínio, de manhã arrancaram macaxeira no roçado da base.
111	Ataque	Base do Rio Douro	Outubro de 2012	Alto Rio Tarauacá	Base do Rio Douro	Edimar falou que os isolados iam subindo por dentro do rio a noite e os cachorros foram nas margens latir, e um dos cachorros foi flechado, morrendo em seguida

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
112	Vestígio	Comunidade do Douro	Outubro de 2012	Alto Rio Tarauacá	Comunidade do Douro	Os isolados arrombaram a casa do prof. Balica, não tinha nada na casa, daí eles saíram e fizeram tapiri na beira da varação da comunidade para a base.
113	Ataque	Base do Rio Douro	Outubro de 2012	Alto Rio Tarauacá	Base do Rio Douro	Edimar falou que as 2:00 hs da manhã os cães começaram a latir. Abrindo a porta da casa, uma flecha atingiu a entrada da casa, à um palmo de distância do seu pé.
114	Avistamento	Rio Douro, afluente do Tarauacá	Outubro de 2012	Alto Rio Tarauacá	Rio Douro	Edimar foi caçar subindo o rio Douro com motor, que quebrou no meio do caminho, seguiu a pé e viu um isolado baixando pelo igarapé.
115	Avistamento	Rio Douro, afluente do Tarauacá	Outubro de 2012	Alto Rio Tarauacá	Rio Douro	Edimar, voltando da caça a pé para a canoa avistou um índio segurando o motor, que vendo Edmar largou o motor e correu. Tinha cabelo com corte de cuia, bracelete no braço e cor clara.
116	Avistamento	Comunidade do Douro	Outubro de 2012	Alto Rio Tarauacá	Comunidade do Douro	O pessoal da comunidade foi tomar banho à noite, no rio e viram dois índios isolados baixando a pé o Rio Tarauacá.
117	Vestígio	Base do Rio Douro	Novembro de 2012	Alto Rio Tarauacá	Base do Rio Douro	Edmar foi à casa de farinha e os cães saíram correndo atrás dos 'brabos', foi averiguar o que era e viu rastro dos 'brabos'. Deixaram uma pera na casa de farinha. Seguiu os rastro e chegou num tapiri na beira do roçado.

## Região do Alto Rio Muru

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
118	Saque	Casa do José Valdenísio Marques de Aquino (Valdenísio)	2009-outubro	Alto Rio Muru	Seringal São Francisco (Colocação Vista Alegre)	Levaram 1 terçado, 1 bolsa de roupas, 1 rede e 1 coberta
119	Saque	Casa do Sebastião da Silva Pereira (Sebastião do Milton)	2009-Junho	Alto Rio Muru	Seringal São Francisco (Jesus-é-por-nós)	Levaram 3 terçados, 2 machados, 2 peixeiras, todas as roupas e panelas, 5 redes, 6 cobertas, 5 kg pregos, munição, documentos. Deixaram nessa casa tearas pintadas de urucum e jenipapo
120	Saque	Casa do Sebastião Carvalho da Silva (Sebastião Vitor)	2009-Junho	Alto Rio Muru	Seringal São Francisco (Guarani)	Levaram todos os terçados, machados e facas, todas as redes, cobertas, roupas, panelas, pratos, baldes. "Os brabos levaram tudo que a gente tinha lá em casa" (Sebastião Vitor, morador do seringal São Francisco)
121	Saque	Casa do Francisco Evandro de Araújo Roque (Vando da Amélia)	2009-Setembro	Alto Rio Muru	Seringal Santa Cruz	Levaram todos os terçados, facas, machados, panelas de alumínio, redes, cobertas e roupas ("Só não levaram duas espingardas. Ficamos só com a roupa do corpo")
122	Saque	Casa do Agostinho Ferreira de Carvalho	2007	Alto Rio Muru	Seringal Santa Cruz	"Os brabos levaram tudo que tinha em casa, só ficamos com a roupa do corpo" (Agostinho Carvalho, morador do seringal Santa Cruz)

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
123	Saque	Casa do velho Didi, último morador do rio Murú	2004	Alto Rio Muru	Seringal Ceci	Nas três vezes, índios isolados levaram tudo que ele tinha dentro de sua casa; "Até hoje não consegui adquirir as coisas que os brabos levaram de minha casa" (Seu Didi, morador do Seringal Ceci)
124	Saque	Tapiri da foz do Ig. Estirão	2005	Alto Rio Muru	Afluente da margem direita do alto rio Muru	Acampamento de caçada e pescaria dos moradores do Seringal Novo Porto
125	Avistamento	No terreiro da casa do Sebastião Vitor, por ocasião do saque realizado pelos isolados	2009-Junho	Alto Rio Muru	Seringal São Francisco (Guarani)	Dona Suzana e um sobrinho avistaram 9 índios isolados por ocasião do saque realizado na casa de seu filho, Sebastião Vitor, que também é seu vizinho
126	Avistamento	Próximo à foz do Ig. Estirão	2009	Alto Rio Muru	Seringal Ceci (São Jorge)	10 índios isolados foram vistos por José de Souza Roque no verão
127	Avistamento	Cabeceira do Ig. Teixeira, limite dos fundos da TI Alto Tarauacá	1999	Alto Rio Muru	Afluente da margem direita do alto rio Muru	Caçadores do Seringal Novo Porto avistaram um pequeno grupo de índios isolados das cabeceiras do Humaitá/Envira
128	Saque	Acampamento de caçada na antiga colocação Távora, à beira do ramal Jordão-Novo Porto	2009	Alto Rio Muru	Cabeceira do rio Jaminauá, afluente do Tarauacá	Dois caçadores da cidade de Jordão flagraram índios isolados saqueando o acampamento de caçada
129	Saque	Casa do velho Didi, último morador do rio Murú	2006	Alto Rio Muru	Seringal Ceci	Nas três vezes, índios isolados levaram tudo que ele tinha dentro de sua casa; "Até hoje não consegui adquirir as coisas que os brabos levaram de minha casa" (Seu Didi, morador do Seringal Ceci)
130	Saque	Casa do velho Didi, último morador do rio Murú	2008	Alto Rio Muru	Seringal Ceci	Nas três vezes, índios isolados levaram tudo que ele tinha dentro de sua casa; "Até hoje não consegui adquirir as coisas que os brabos levaram de minha casa" (Seu Didi, morador do Seringal Ceci)
131	Saque	Casa do seu Didi	Julho de 2011	Alto Rio Muru	Casa do Didi	Saqueada 4 vezes pelos brabos do Humaitá. A última vez foi no verão (julho de 2011) do ano passado. De valor mesmo só levaram um rádio, que deixaram jogado na capoeira velha do roçado do seu Didi
132	Saque	Casa do sr. Mazim Ramos e Dona Miraceli Nascimento	10 de agosto 2012	Alto Rio Muru	Seringal Novo Porto	Saque praticado pelos brabos do Humaitá durante a noite, auge do verão. Levaram 2 painéis e 1 terçado novo. Na ocasião levaram 2 terçados velhos da casa vizinha que pertence a Vaildir Lemes, pai de dona Miraceli

## Região do Alto Rio Envira

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
133	Ataque	Perto da Foz do Ig. Sete Voltas, afluente da margem direita do alto Envira, nas proximidades da base da Xinane/FPERE	1992	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	Sertanista Meirelles e um trabalhador da Frente Envira foram alvejados por tiros de espingarda de "brabos" próximo à base da FPERE/FUNAI
134	Ataque	Próximo à base Xinane da FPRE/FUNAI	1994	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	Um trabalhador da Frente Envira, Eugenio ou "Geno", levou um tiro de rifle 22 e várias flechadas de dois isolados nas proximidades da Base Xinane
135	Ataque	Base Xinane da FPRE/FUNAI	2007	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	Chicão, trabalhador da Frente Envira, levou um tiro de espingarda de um "brabo da cabeceira do Xinane", mas não foi atingido
136	Ataque	Base Xinane da FPRE/FUNAI	2007	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	Chicão, trabalhador da Frente Envira, foi flechado por "brabos da cabeceira do Xinane", nas proximidades da base FPRE
137	Ataque	Base Xinane da FPRE/FUNAI	2004-4 de junho	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	O sertanista Meirelles foi atingido por uma flechada no rosto, nas proximidades da base da FPERE/FUNAI. Estava subindo o Envira numa canoa para pescar nesse igarapé, quando foi alvejado
138	Ataque	Base Xinane da FPRE/FUNAI	2007	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	Antonio Jabuti, trabalhador da Frente Envira foi flechado por "brabos da cabeceira do Xinane", próximo à base da FPERE/FUNAI
139	Ataque	Base Xinane da FPRE/FUNAI	2008-15 de Julho	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	Arthur Meirelles, auxiliar de sertanista da Frente Envira foi flechado por "brabos" da cabeceira do Xinane, nas proximidades da base da FPERE/FUNAI
140	Ataque	Cabeceira do Ig. Major Dantas, afluente da margem direito do alto Envira, nas proximidades do Paralelo 10º Su	2000	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	O sertanista Meirelles, dois trabalhadores da Frente Envira e 26 trabalhadores da empresa ASSERPLAN foram cercados pelos "brabos da cabeceira do Humaitá" na demarcação física da TI Kampa e Isolados do Rio Envira
141	Saque	Casa de Chico Anselmo, morador do Seringal Santa Maria da Liberdade	2008	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	Índios "brabos" da cabeceira do Humaitá levaram terçados, machados, roupas e panelas
142	Saque	Casa de Chico Anselmo, morador do Seringal Santa Maria da Liberdade	2009	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	Os "brabos" levaram todas as coisas da casa. Não havia ninguém em casa
143	Avistamento	Seringal Santa Maria da Liberdade	2009	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	O seringueiro Chico Pelado, avistou "brabos cabeludos" das cabeceiras do Humaitá nas proximidades de sua casa
144	Avistamento	Seringal Santa Maria da Liberdade	2009	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	O seringueiro Zé Pereira, quando andava caçando nas matas de sua colocação, avistou um "brabo cabeludo" das cabeceiras do Humaitá

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
145	Ataque	Base Xinane da FPPE/ FUNA	2007	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	O sertanista José Meirelles e um trabalhador da Frente Envira/FUNAI (Chicão), foram flechados pelos “brabos” que migraram do lado peruano da fronteira para as cabeceiras do Ig. Xinane, em 2006, próximo à base da FPPE/FUNAI
146	Ataque	Próximo à base Xinane da FPPE/FUNAI	1989	Alto Rio Envira	Próximo à Base Xinane da Frente Envira/FUNAI	O sertanista Meirelles foi flechado pela primeira vez pelos “brabos”
147	Ataque	Base Xinane da FPPE/ FUNA	2000	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	A base Xinane foi queimada pelos “brabos da cabeceira do Humaitá”, durante os trabalhos de demarcação física da TI Kampa e Isolados do Rio Envira. Foi reconstruída no mesmo ano pela FPPE/ FUNAI
148	Ataque	Próximo à base Xinane da FPPE/FUNAI	1991	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	Trabalhadores da Frente Envira foram flechados pelos “brabos”, quando retornavam de uma caçada
149	Ataque	Próximo à base Xinane da FPPE/FUNAI	1993	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	Dois Trabalhadores da Frente Envira foram flechados pelos isolados quando passavam de canoa nas proximidades da foz do Ig. Xinane. Não foram atingidos, mas algumas flechas caíram na canoa
150	Vestígio	Seringal Santa Maria da Liberdade	2007	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	Encontrados nas matas das proximidades da sede do seringal Liberdade
151	Avistamento	Seringal Santa Maria da Liberdade	2008	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	Moradores da sede do antigo seringal Liberdade viram “brabos cabeludos” no aceiro da mata das proximidades de suas casas
152	Avistamento	Seringal Santa Maria da Liberdade	2009	Alto Rio Envira	Cabeceira do rio Envira	O seringueiro Chico Anselmo, quando andava caçando nas matas de sua colocação, avistou um “brabos cabeludos” das cabeceiras do Humaitá
153	Saque	Aldeia Kulina Terra Nova	Junho-2010	Alto Rio Envira	TI Kulina do Rio Envira	Casa do prof. Peres Kulina foi saqueada pelos “brabos”. Eles levaram mosquiteiros, redes, cobertas, panelas, pratos, teçados, enxadas, machados.
154	Ataque	Próximo a Aldeia Maronal	Verão-2008	Alto Rio Envira	TI Kulina do Rio Envira	Dez índios “brabos” tentaram atacar uma mulher kulina, mas ela correu a tempo.
155	Ataque	Próximo a Aldeia Ig. do Anjo	Verão-2006	Alto Rio Envira	Roçado da Aldeia Ig. do Anjo	Os brabos atacaram uma mulher kulina no roçado, levando o teçado dela.
156	Saque	Próximo a Aldeia Ig. do Anjo	Verão-2005	Alto Rio Envira	Casa do Raimundinho Kulina	No verão de 2005, os brabos saquearam a casa do Raimundinho Kulina, levando panelas, teçados, machados, enxadas e roupas. Sua família ficou somente com a roupa do corpo
157	Avistamento	Próximo a Aldeia Ig. do Anjo	Verão-1980	Alto Rio Envira		Primeira vez que os “brabos” foram vistos pelos Kulinas nas proximidades desta aldeia.

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
158	Saque	Proximidades da Antiga Aldeia Sete Voltas	Julho-2007	Alto Rio Envira	Proximidades da Antiga Aldeia do Coronel Kulina	Oito índios "brabos" saquearam a casa de um morador desta aldeia, de onde levaram, 03 teçados e 03 machados.
159	Avistamento	Proximidades da Antiga Aldeia Sete Voltas	Julho-2010	Alto Rio Envira	Na praia em frente a Aldeia Sete Voltas	Antonio Francisco de Castro, conhecido como marreta, trabalhador da Frente Envira, avistou oito índios "brabos" na praia do Rio Envira.
160	Vestígio	Próximo a Base Xinane	Agosto-2010	Alto Rio Envira	No bananal da Base Xinane	Foi encontrado uma balsa de paco-paco, ou algodeiro brabo, nas proximidades do bananal da Base Xinane da Frente Envira. Os brabos vieram buscar banana para comer.
161	Vestígio	Próximo a Base Xinane	Julho-2010	Alto Rio Envira	Próximo a Base Xinane	Trabalhadores da Frente Envira encontraram 03 tapiris e camas e casco de jabuti, restos de tição de fogos de índios brabos ao lado do campo da Base Xinane. Eram aproximadamente oitos índios brabos.
162	Saque	Próximo a Base Xinane	Julho-2010	Alto Rio Envira	Próximo a Base Xinane	Índios brabos saquearam o barco da Frente Envira, levando 05 tambores de plástico de 50 litros cada, a corda da canoa, uma tarrafa, um fardo de estopa e um pedaço de lona do toldo da canoa.
163	Saque	Próximo a Base Xinane	Agosto-2010	Alto Rio Envira	Próximo a Base Xinane	Índios brabos carregaram a corda e lona da canoa do Raimundinho, colaborador da Frente Envira.
164	Saque	Próximo a Base Xinane	Setembro-2010	Alto Rio Envira	Próximo a Base Xinane	Índios brabos levaram as cordas do leme e uma lona napa do beiral do barco da Frente Envira.
165	Vestígio	No Igarapé Xinane	Julho-2010	Alto Rio Envira	No Igarapé Xinane, próximo ao Lago Volta Grande	José Oberlane, colaborador da Frente Envira, encontrou rastros e duas peras de palhas de uricuri, com folhas de sororoca por dentro de seis índios "brabos" na beira do Lago Volta Grande
166	Vestígio	Próximo a Foz do Ig. Toiaia com o Ig. Imbuia	Junho-2010	Alto Rio Envira	Próximo a Foz do Ig. Toiaia com o Ig. Imbuia	José Oberlane e Chicão, trabalhadores da Frente Envira, encontraram vários rastros de índios brabos nas proximidades da boca do Ig. Toiaia, quando andavam caçando nas matas do Ig. Imbuia.
167	Vestígio	Cabeceira do do Ig. Txôpo, afluente da margem direita do Alto Rio Envira	Julho-2010	Alto Rio Envira	Cabeceira do Ig. Txôpo	José Oberlane, Chicão e Raimundinho, trabalhadores da Frente Envira, encontraram rastros e vestígios sonoros (imitação de cantos da nambu azul, macaco preto, macucal e nambu galinha) dos brabos, quando andavam caçando.
168	Vestígio	Cabeceira do do Ig. Txôpo, afluente da margem direita do Alto Rio Envira	Agosto-2010	Alto Rio Envira	Cabeceira do Ig. Txôpo	Chicão e José Oberlane, trabalhadores da Frente Envira, encontraram um acampamento usado pelos Mashco-Piro. Tinha 25 tapiris, 77 casco de jabuti, vários cabeças de anta, de porquinho, de queixada e de jacaré, restos de fogo e paus rolado com teçado.
169	Vestígio	No Igarapé Riozinho	1980	Alto Rio Envira	Igarapé Riozinho	Teixeirinha Kampa encontrou vestígios de índios Mashco-Piro, quando pescava.

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
170	Vestígio	No Igarapé Riozinho	Agosto	Alto Rio Envira	No Igarapé Riozinho	Vestígios sonoros de tiros de espingarda foram ouvidos pela mulher do Benjamin
171	Vestígio	Cabeceira do Riozinho Acima da Foz do Ig. Major Dantas	2008	Alto Rio Envira	Cabeceira do Riozinho	Ashaninkas da Aldeia Simpatia encontraram diversos rastros de brabos na praia do Ig. Riozinho.
172	Ataque	No Igarapé Xinane	1980	Alto Rio Envira	Igarapé Xinane, próximo a antiga aldeia Xinane	Brabos balearam Maciel Ashaninka com tiros de espingarda.
173	Ataque	No Igarapé Xinane	1982	Alto Rio Envira	Igarapé Xinane, próximo a antiga aldeia Xinane	Índios brabos balearam Charles Kampa com tiros de espingarda.
174	Vestígio	No Igarapé Xinane	1982	Alto Rio Envira	Igarapé Xinane, próximo a antiga aldeia Xinane	Beijamin e Hiran Ashaninka rastejaram os brabos até próximos a suas malocas, onde escutaram latidos de cachorros, e durmiram no taquiri feito pelos brabos.
175	Saque	No Igarapé Xinane	1982	Alto Rio Envira	Igarapé Xinane, próximo a antiga aldeia Xinane	Brabos saquearam o acampamento do Hiran Ashaninka enquanto ele caçava e pescava no Ig. Xinane. Roubaram algumas de suas mercadorias.
176	Ataque	Na Fox do Ig. Letreiro	1985	Alto Rio Envira	Na Fox do Ig. Letreiro	Índios brabos balearam o Ninanko Ashaninka com tiros de espingarda, nas proximidades da foz do Ig. Letreiro.
177	Vestígio	Próximo a Aldeia Simpatia	19-Ago-2010	Alto Rio Envira	Próximo a Aldeia Simpatia	Professor Fernandes Ashaninka viu oito camas usadas pelos brabos que estava observando o movimento da Aldeia Simpatia.
178	Avistamento	Próximo a Aldeia Simpatia	20-Ago-2010	Alto Rio Envira	Próximo a Aldeia Simpatia	Professor Fernandes Ashaninka avistou seis índios brabos invadindo a casa da Socorro Ashaninka, que estava vazia, pois sua dona havia ido visitar seus parentes no Rio Breu
179	Saque	Próximo a Aldeia Simpatia	12-Out-2010	Alto Rio Envira	Próximo a Aldeia Simpatia	Cerca de doze índios brabos, saquearam a casa da Jacira Kampa, levando todas as panelas, bacias, teçados, machados, facas, colheres, pratos, redes, cobertas e mosquiteiros.
180	Saque	Próximo a Aldeia Simpatia	15-Ago-2009	Alto Rio Envira	Próximo a Aldeia Simpatia	Cerca de dezoito índios brabos, saquearam a casa do professor Raimundinho Teori Kampa, levando todos os seus teçados, machados, facas, enxadas, foíçe, panelas, pratos, roupas, cobertores, redes e mosquiteiros.
181	Avistamento	Próximo a Aldeia Simpatia	Agosto-2009	Alto Rio Envira	Próximo a Aldeia Simpatia	Professor Raimundinho Teori Kampa, avistou treze índios brabos no aceiro do roçado de sua aldeia. Chama os brabos de Amiwaka.
182	Ataque	Próximo a Aldeia Simpatia	Agosto-2008	Alto Rio Envira	Próximo a Aldeia Simpatia	Cerca de cinco índios brabos armados, atiraram no filho do Raimundinho Teori Kampa, num bananal próximo a sua aldeia.

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
183	Avistamento	Próximo a Aldeia Simpatia	Agosto-2010	Alto Rio Envira	Próximo a Aldeia Simpatia	Chagas Kampa irmão do Teixeirainha escutou índios brabos conversando próximo a sua aldeia. Seus parentes cercaram os brabos mais eles conseguiram fugir
184	Vestígio	Cabeceira do Ig. Maronal		Alto Rio Envira	Cabeceira do Ig. Maronal	Prof. João Elias Marcelino Kampa encontrou trilha dos brabos durante a demarcação da TI Kulina do Rio Envira.
185	Saque	Comunidade Samauma	Julho-2004	Alto Rio Envira	Seringal Santa Maria da Liberdade	Os brabos saquearam a casa da mulher do Simão e levaram tudo de lá: todas as redes, roupas, panelas, etc.
186	Avistamento	Aldeia Terra Nova	Junho-2010	Alto Rio Envira	Aldeia Terra Nova	Foram vistos índios brabos próximo as casas do Péres Kulina e também do Cazua.
187	Saque	Escola da Aldeia Simpatia	20-Ago-2010	Alto Rio Envira	Escola da Aldeia Simpatia	Segundo o prof. Fernandes Kampa, os brabos invadiram a escola da aldeia e levaram lápis e cadernos, mais deixaram no acero do campo da aldeia
188	Saque	Na foz do Igarapé Três Pontas	2003	Alto Rio Envira	Na foz do Igarapé Três Pontas	Os brabos roubaram a espingarda do prof. Fernandes na praia.
189	Avistamento	Comunidade Samauma		Alto Rio Envira	Seringal Santa Maria da Liberdade	Moradores da Comunidade Samauma avistaram quatro índios brabos.
190	Saque	Comunidade Samauma	Verão-2010	Alto Rio Envira	Seringal Santa Maria da Liberdade	Os brabos saquearam a casa do Manoel Antonio Castro Silva, conhecido como Xinêgo e levaram tudo que ele tinha em sua casa, ele e sua família só ficaram com a roupa do corpo.
191	Avistamento	Aldeia Simpatia, na TI Kampa e Isolados do Rio Envira	Mai de 2011	Alto Rio Envira	Aldeia Simpatia	Morador da aldeia avistou isolados
192	Prisão de narcotraficante	Base FPEE Xinane	17 de março de 2011	Alto Rio Envira	Posto de Vigilância da Foz do Rio	Prenderam o narcotraficante português, Joaquim Antônio Custódio Fadista, que descia o rio Envira numa ubá indígena, vindo do lado peruano da fronteira, supostamente carregando um mochila contendo cocaína que foi jogada no rio ou nas matas próximas.
193	Reação e ameaça de traficantes peruanos	Base FPEE Xinane	11 de junho de 2011	Alto Rio Envira	Posto de Vigilância da Foz do Rio	Aproximadamente 20 homens armados provenistes do Peru estariam descendo o rio Envira em represália à prisão do narcotraficante português Joaquim Antônio C. Fadista, e em busca de uma suposta mochila com concaína que ele havia deixado nas matas próximas.
194	Avistamento	Aldeia Simpatia, na TI Kampa e Isolados do Rio Envira	Mai de 2011	Alto Rio Envira	Aldeia Simpatia	Um pequeno grupo de índios isolados foram avistados pelos Ashaninka nas proximidades de sua aldeia, na TI Kampa e Isolados do Rio Envira.

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
195	Prisão de narcotraficante	Base FPEE Xinane	Junho de 2011	Alto Rio Envira	Posto de Vigilância da Foz do Rio	Constatada, de fato, a presença de um grupo de narcotraficantes peruanos armados nas imediações da Base, colocando em fuga novamente todos os servidores e trabalhadores, que se dirigiram à Feijó. A PF Prendeu Joaquim Antônio Custódio Fadista
196	Ataque	T.I. Kulina do rio Envira	Julho de 2012	Alto Rio Envira	Colocação do Pedro Macarrão	A casa do filho de Pedro Macarrão foi queimada pelos índios isolados enquanto o mesmo visitava parentes na boca do Jaminaua. O Ataque ocorreu à noite.
197	Avistamento	Região muito próxima à aldeia Simpatia	5 de Outubro de 2012	Alto Rio Envira	T.I. Kampa e Isolados do rio Envira	Fernando e algumas crianças foram pegar uma ubá deixada na volta debaixo do rio Envira utilizando um varadouro. No meio do varadouro deparou-se com 05 índios isolados sentados. Segundo Fernando os índios eram cabeludos e estavam nus.
198	Saque	T.I. Kulina do Rio Envira	Julho de 2011	Alto Rio Envira	Aldeia Terra Nova	A casa da Silda Kulina foi saqueada por índios isolados em Julho de 2011 enquanto visitava seu pai (Cazuza) um pouco abaixo de sua casa. Foram saqueados: panelas, machado, terçados, redes, pratos, mosquiteiros, enxada e aparelho de som deixado no caminho
199	Avistamento	Comunidade Samauma	Outubro 2012	Alto Rio Envira	Colocação Jabuti	Jabuti avistou aprox. 08 índios no varadouro do roçado quando voltava com macaxeira para sua casa. Inicialmente avistou 02, um vestido com camisa e nu da cintura para baixo, outro segurando uma garrafa velha de cachaça com água dentro e todo nu.
200	Avistamento	T.I. Riozinho do alto Envira	Setembro de 2012	Alto Rio Envira	Aldeia Floresta	Luis foi carregado por 03 índios isolados por uma distancia de 01 km na mata. Os índios estavam nus e tinham o cabelo cortado em cuia. Luis foi junto com Airton verificar o que eram os gritos da Julieta. O avistamento foi às 16h.
201	Avistamento	TI Kampa e Isolados do rio Envira	Agosto de 2012	Alto Rio Envira	Cachoeira do pirapitinga	Xexeta, Carijó, Almir, Tangut e Shupak foram pescar nas proximidades da cachoeira do pirapitinga e avistaram 06 índios isolados. Um isolado vestia roupa (camiseta e bermuda) e o restante estava nu.
202	Avistamento	TI Kampa e Isolados do rio Envira	Agosto de 2012	Alto Rio Envira	Proximidades da casa de farinha	Raimundinho observou vestígios de índios isolados em sua casa de farinha, no roçado. Segundo Raimundinho ficaram de 02 a 03 dias acampados nas proximidades da casa de farinha. Quando foram ao roçado avistaram aproximadamente 10 índios isolados.
203	Vestígio	TI Kampa e Isolados do rio Envira	Outubro de 2012	Alto Rio Envira	Região próxima ao marco 29	Pegadas de aprox. 03 índios isolados localizados em praias ao longo da calha do rio Envira na região próxima ao marco 29 da fronteira Brasil-Peru. As pegadas seguiam em direção ao Peru.

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
204	Vestígio	TI Kampa e Isolados do rio Envira	Outubro de 2012	Alto Rio Envira	Região próxima ao marco 29	Pegadas e local de descanso de aprox. 03 índios isolados localizado em praia na calha do rio Envira na região próxima ao marco 29 da fronteira Brasil-Peru. O local foi utilizado para produção de arcos de pupunha brava.
205	Vestígio	Aceiro do roçado	Julho de 2012	Alto Rio Envira	Aldeia Igarapé do Anjo - TI Kulina do Rio Envira	Meninos da aldeia do anjo foram armar arapuca para pegar Juriti no roçado. Ouviram alguns estalos na mata, no momento acharam ser onça e jogaram um pedaço de barro na direção do barulho. Melk ao chegar no local avistou pegadas de índios isolado
206	Vestígio	T.I. Kulina do Rio Envira	Julho de 2012	Alto Rio Envira	Aldeia Ig. do Anjo	Após ouvirem muitos arremedos de animais da mata durante a noite, resolveram andar pela região. Encontraram rastros de índios isolados que se deslocaram pela região da aldeia.
207	Vestígio	T.I. Kulina do Rio Envira	Outubro de 2012	Alto Rio Envira	Cabeceira do Igarapé Dois Irmãos	Antonio Kulina observou vestígios de índios isolados na cabeceira do igarapé quando realizava caça de 03 dias. Vestígios de 05 índios isolados com camas de palha de jarina dispostas no chão. Foi encontrado um casco de jabuti.
208	Saque	T.I. Kulina do Rio Envira	Janeiro de 2012	Alto Rio Envira	Aldeia Terra Nova	A casa do Antonio foi saqueada, os isolados vieram pelo ig. Maronal; Foi encontrado um tapiri no ig. Cigana; Saqueados: 03 terçados, 02 machados, 04 panelas, canecas de plástico, 04 redes, 04 mosquiteiros, cobertas, roupas e anzóis, sem avistamento.
209	Saque	T.I. Kulina do Rio Envira	Maior de 2012	Alto Rio Envira	Aldeia Terra Nova	A casa do Prof. Peres foi saqueada por índios isolados em Maio de 2012 enquanto plantava amendoim uma praia abaixo de sua casa. Foram saqueados: panelas, machado, terçados, redes, pratos, mosquiteiros e documentos. Vieram por varação do Maronal. Segundo
210	Saque	TI Kampa e Isolados do Rio Envira	Setembro de 2012	Alto Rio Envira	Aldeia Sete Voltas	A casa do Sr. Chagas foi saqueada e utilizada pelos índios isolados. Chagas estava na aldeia Simpatia. Saquearam 01 machado e panelas. Quebraram todas as flechas e uma caixa de ferramenta, fizeram fogo para assar jabuti em baixo da casa
211	Saque	Comunidade Sta Maria da Liberdade	Outubro de 2014	Alto Rio Envira	Casa de farinha e roçado	Tonho percebeu que um machado havia sumido da casa de farinha. Dois dias depois Chicão observou vestígios de índios em seu roçado. Os índios isolados comeram abacaxi e arrancaram macaxeira.
212	Saque	T.I. Riozinho do alto Envira. Aldeia Nova Floresta.	Setembro de 2012	Alto Rio Envira	Aldeia Nova Floresta	Julietta estava em casa quando os índios isolados se aproximaram pela praia. Ela e sua família correram. Saquearam: panelas, cobertas, mosquiteiros, redes e terçado. Enquanto alguns saqueavam sua casa outros carregavam Luis Kampa pela mata.

Nº	CATEGORIA	ONDE OCORREU	DATA	LOCAL	LOCALIDADE	OCORRÊNCIA
213	Saque	T.I. Riozinho do alto Envira	Julho de 2012	Alto Rio Envira	Casa do Macambira perto do Ig. Boca do Riozinho	A casa de Macambira foi saqueada enquanto bebiam caçuma na casa de seu genro. Saquearam: redes, mosquiteiros, cobertas, terçados, machado, panelas e roupas. Os isolados se deslocaram pelo igarapé Farol. O saque ocorreu no período da noite.
214	Saque	T.I. Kampa e Isolados do rio Envira	Julho de 2012	Alto Rio Envira	Casa do Lídio, perto do Lago Cerrado	A casa do Lídio Kampa foi saqueada por índios isolados. Saquearam: redes, mosquiteiros, cobertas, terçados, machado, panelas e roupas. Não havia ninguém em casa. O saque ocorreu no período da noite.
215	Saque	T.I. Kampa e Isolados do rio Envira	25 de Agosto 2012	Alto Rio Envira	Aldeia Simpatia	Índios isolados realizaram vários saques durante a noite na aldeia Simpatia. 04 casas foram saqueadas. Ninguém escutou nem viu nada. Perceberam que foram saqueados pela manhã.
216	Saque	T.I. Kampa e Isolados do rio Envira	28 de Julho de 2013	Alto Rio Envira	Aldeia Simpatia	A casa do Fernando Kampa foi saqueada pelos índios isolados. Saquearam prato, colher, roupas, redes, mosquiteiros e ferramentas. Estava próximo da escola com sua mulher quando observou que haviam isolados na sua casa. Com os gritos os isolados correram e
217	Saque	T.I. Kulina do rio Envira	7 de Novembro de 2012	Alto Rio Envira	Casa do Antonio	No dia 07 de Novembro a casa do Antonio Kulina foi novamente saqueada pelos índios isolados. Saquearam: redes, cobertas, utensílios domésticos e mosquiteiros. Os isolados observavam a casa e quando ela ficou sozinha realizaram o saque.

B688 Boletim informativo Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais. – N. 4 (jul. 2014) – Manaus : UEA Edições, 2014

v.: il.; 30 cm.

Irregular.

Coordenação geral do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (CESTU/UEA/PPGCSPA) e Rosa Elizabeth Acevedo Marín (NAEA/UFPA/PPGCSPA).

ISSN 2358-6672

1. Conflitos sociais – Amazônia – Periódicos. 2. Comunidades tradicionais. 3. Desmatamento. 4. Territorialidade. 5. Cartografia. 6. Mapeamento social. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marín, Rosa Elizabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811)(05)



Ao longo dos últimos 25 anos, a Frente de Proteção Etnoambiental Envira, da FUNAI, localizou quatro povos “isolados” distintos no lado acreano da fronteira.

Três desses quatro povos “isolados” possuem malocas e roçados, vivendo basicamente da agricultura, caça, pesca e coleta de produtos alimentares e não alimentares da floresta. Pela quantidade e diversidade de legumes cultivados em seus roçados de terra firme são também conhecidos como “grupos isolados agricultores”. O primeiro deles, conhecido como “isolados do Humaitá”, ocupa as nascentes deste rio, um dos principais afluentes da margem direita do alto Muru, compartilhando a Terra Indígena (TI) Kaxinawá do Rio Humaitá. Já o segundo, chamados de “isolados do Riozinho”, habita as cabeceiras do igarapé de mesmo nome, tributário da margem direita do alto rio Envira, ocupando a TI Riozinho do Alto Envira. O terceiro, por sua vez, denominados “isolados do inane”, migrou recentemente nas cabeceiras do Igarapé Homônimo, afluente da margem esquerda do alto rio Envira, instalando-se, a partir de 2006, na TI Kampa e Isolados do Rio Envira.



PROJETO

## Mapeamento Social

PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO



REALIZAÇÃO

